



UEPB

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

RAMON SILVA SOUZA

**FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NOS ESPAÇOS URBANOS:
um estudo sobre cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB**

**GUARABIRA/PB
2023**

RAMON SILVA SOUZA

**FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NOS ESPAÇOS URBANOS:
um estudo sobre cidades pequenas na região geográfica imediata de Guarabira/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de pesquisa: Transformações Econômicas nos Espaços Urbanos e Rurais.

Orientador: Prof. Luiz Arthur Pereira Saraiva.

**GUARABIRA/PB
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

S258f Souza, Ramon Silva.
Feiras, comércios populares e consumos nos espaços urbanos [manuscrito] : um estudo sobre cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB / Ramon Silva Souza. - 2023.
76 p. : il. colorido.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2023.
"Orientação : Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva, Coordenação do Curso de Geografia - CH. "
1. Feiras livres. 2. Mercados públicos. 3. Espaço urbano.
4. Cidades. I. Título

21. ed. CDD 911

RAMON SILVA SOUZA

**FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NOS ESPAÇOS URBANOS:
um estudo sobre cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito obrigatório à obtenção do título de Licenciado em Geografia.

Linha de pesquisa: Transformações Econômicas nos Espaços Urbanos e Rurais.

Aprovada em: 23/11/2023.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. Ramon Santos Souza
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ao bom Deus, fonte de todo amor, que ao longo de minha trajetória tem me dado forças e ânimo para prosseguir. A minha família, por todo apoio, carinho, amor, conselhos. A todos que perseveram no sonho de um país mais justo e igualitário, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado toda a força necessária para alcançar esta conquista acadêmica e pessoal, por ter me sustentado em cada passo, em cada desafio, agradeço por toda sabedoria a mim concedida, a toda proteção diante dos contextos que enfrentei, tua graça me sustenta.

Aos meus pais, Severino do Ramo Silva Souza e Maria de Fátima Silva Souza, pelo amor, conselhos, pela educação, perseverança em meus estudos. Toda árdua caminhada foi enfrentada sob dificuldades que, por eles apoiadas, contribuíram de forma singular para o meu crescimento pessoal, o que sou, devo aos ensinamentos a mim dados.

À minha irmã, Viviane Silva Souza, por me compreender, por toda força, ser suporte em minha trajetória acadêmica e pessoal, pelos momentos de dificuldades ao seu lado compartilhado, por ter estado tão presente durante este processo importante e difícil, agradeço.

À minha namorada, e também geógrafa, Macilene Pereira Leite, um anjo de Deus na minha vida, gratidão por todo amor, apoio, forças, carinho, confiança, por ter me estendido as mãos. Sua presença e parceria fazem toda diferença em minha vida, terminamos este ciclo para iniciarmos outros novos, este momento representa o passaporte para o alcance de novos objetivos, sentirei falta das nossas tardes de aprendizado e companheirismo na UEPB.

Aos meus familiares, minha avó, Maria do Carmo; meu avô, Antônio Duarte (*in memoriam*); minha tia, Vera Lúcia; seu esposo, Osório; meus primos, Vinicius e Davi, por todo apoio e receptividade ao me acolherem para os trabalhos de campo, por acreditarem em meu potencial acadêmico, por toda força e carinho.

Ao meu orientador, professor Luiz Arthur Pereira Saraiva, gratidão pelas leituras, ensinamentos e paciência. Lembrarei com saudades das orientações nos entretornos das sextas-feiras. Não apenas as orientações, mas, também, as disciplinas por você conduzidas, que foram oportunidades ímpares para a construção de conhecimentos e práticas mais significativas na geografia. Por tamanha dedicação e profissionalismo, agradeço.

À banca examinadora, nas pessoas dos professores Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa e Dr. Ramon Santos Souza, gratidão por participarem desta banca de defesa de Trabalho de Conclusão de Curso TCC, bem como por todo apoio, incentivo e amizade edificadas no decorrer do Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Sem dúvidas, todos os ensinamentos e conhecimentos construídos durante o período de graduação me acompanharão durante a vida profissional e acadêmica, aos dois professores, muito obrigado.

Aos professores e professoras do Curso de Licenciatura Plena em Geografia da UEPB, campus III, que contribuíram de forma singular, por meio das disciplinas e debates, para o meu desenvolvimento acadêmico. Gratidão por todo empenho, dedicação e maestria em suas atividades profissionais, no âmbito do Centro de Humanidades, Campus III, da Universidade Estadual da Paraíba, guardarei com carinho seus ensinamentos, obrigado a todos e todas.

À professora Clara Vasconcelos, pela generosa contribuição ao meu TCC com a tradução do resumo em língua estrangeira. Gratidão a você e ao professor Fábio Dantas que foram verdadeiros anjos na minha trajetória acadêmica, aos dois a minha imensa gratidão e estima.

À Universidade Estadual da Paraíba, à Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, e ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, pela concessão de bolsa de Iniciação Científica nas cotas 2021-2022 e 2022-2023 que custearam os projetos: “FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NOS ESPAÇOS URBANOS: um estudo sobre cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB” e “AS ESPACIALIDADES DAS FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NA CIDADE E NO URBANO: CONTINUANDO ABORDAGENS NAS CIDADES PEQUENAS NA REGIÃO GEOGRÁFICA IMEDIATA DE GUARABIRA/PB”. Tais recursos foram de grande valia para o desenvolvimento das pesquisas tanto no âmbito do PIBIC, quanto do TCC, muito obrigado.

A todos/as que contribuíram com esta pesquisa, todos/as os/as entrevistados/as das espacialidades das feiras livres de Araçagi e Guarabira, pela receptividade e colaboração em responder aos questionamentos da pesquisa, muito obrigado e que tenham muita prosperidade e valorização em suas atividades comerciais.

Aos amigos e colegas de turma, pelas tardes no âmbito do campus III e aulas de campo. Enfrentar o ensino remoto durante a pandemia do Sars-Cov-2 (Covid-19) sob tais companhias fez total diferença. Gratidão pelas trocas de conhecimentos, práticas e experiências. Desejo muito sucesso em suas jornadas, a todos/as o meu muito obrigado.

À UEPB e à Reitora, seus Pró-Reitores/as e técnicos/as administrativos, zeladores/as e a todos e todas que, de forma direta ou indireta, contribuíram para que fosse possível a realização desse sonho, ser um dos poucos membros da família a possuir o título de graduado, por meio de instituição pública de ensino.

“se os homens são os artífices de sua própria história, por que eles construíram um mundo tão desumano?” (LESSA; TONET, 2008, p. 15).

043. LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TÍTULO: FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS NOS ESPAÇOS URBANOS: um estudo sobre cidades pequenas na Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB

LINHA DE PESQUISA: TRANSFORMAÇÕES ECONÔMICAS NOS ESPAÇOS URBANOS E RURAIS

AUTOR: Ramon Silva Souza

ORIENTADOR: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

BANCA EXAMINADORA: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Prof. Dr. Ramon Santos Souza

RESUMO

As feiras livres e mercados públicos instalados em Araçagi e Guarabira, no Estado da Paraíba, têm no espaço urbano hodierno um conjunto de problemáticas e possibilidades carentes da investigação geográfica. Para tanto, o presente trabalho reúne resultados de pesquisas desenvolvidas no âmbito do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica com duração de vinte e quatro meses, nos espaços das feiras livres e mercados públicos das cidades de Araçagi e Guarabira, ambas localizadas na Região Geográfica Imediata de Guarabira. Através de leituras, foi aprofundado o arcabouço teórico que permeia as questões que envolvem comércios populares, feiras, mercados, sua gênese e desenvolvimento junto às cidades com especial ênfase as espacialidades mencionadas. Além disso, objetivou-se buscar estabelecer um panorama em relação às condições sanitárias e analisar as políticas públicas desenvolvidas nesses espaços, bem como, investigar a relação campo-cidade e entender as lógicas e dinâmicas entre feiras e supermercados. Metodologicamente, discutiu-se a composição de método, procedimentos metodológicos e recorte espaço-temporal. Sendo assim, as discussões têm como ponto de partida o materialismo histórico-dialético, cujas ferramentas para aquisição de dados e informações foram constituídas de questionários semiestruturados, revisão de bibliografia científica, registro fotográfico e tratamento cartográfico. As pesquisas ocorreram entre os anos de 2021 a 2023 nas feiras livres e mercados públicos das cidades de Araçagi e Guarabira, localizadas no Agreste do Estado da Paraíba. Dentro do conjunto das discussões destacam-se as questões que tratam das condições de higiene, as disputas do mercado local, a gênese dos dois municípios, questões estruturais e variedade de produtos e/ou serviços ofertados. Entre os principais resultados pode-se elencar os problemas estruturais, preocupação com a higiene, diminuição da clientela, redução do faturamento, drenagem pluvial e competição desigual entre feiras e supermercados. Os resultados apontam ainda para a baixa escolaridade dos vendedores e realização de atividades para complemento de renda. As principais conclusões permeiam a necessidade de reformas para os espaços estudados, aquisição de novos equipamentos, drenagem de águas pluviais e cuidados com os resíduos produzidos, além da necessidade da tomada de consciência em relação ao consumo responsável e importância da ampliação dos estudos voltados ao tema do comércio em cidades pequenas.

Palavras-Chave: feiras livres. mercados públicos. espaço urbano. cidades.

043. LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

TITLE/SCA: FAIRS, POPULAR TRADES AND CONSUMPTION IN URBAN SPACES:
a study on small cities in the Immediate Geographic Region of Guarabira/PB

RESEARCH LINE: ECONOMIC TRANSFORMATIONS IN URBAN AND RURAL SPACES

AUTHOR: Ramon Silva Souza

ADVISOR: Prof. Dr. Luiz Arthur Pereira Saraiva

EXAMINING BOARD MEMBERS: Prof. Dr. Francisco Fábio Dantas da Costa
Prof. Dr. Ramon Santos Souza

ABSTRACT

The open-air fairs and public markets installed in Araçagi and Guarabira present a set of problems and possibilities in the daily urban environment that are lacking in geographical investigation. Therefore, this work brings together results of researches developed within the scope of the Institutional Program for Scientific Initiation Scholarships lasting twenty-four months, in the spaces of open-air fairs and public markets in the cities of Araçagi and Guarabira, both located in the Immediate Geographic Region from Guarabira. Through readings, the theoretical framework that permeates the issues involving popular commerce, fairs, markets, their genesis and development within cities with special emphasis on the aforementioned spatialities was deepened. Furthermore, the objective was to establish an overview in relation to sanitary conditions and analyze the public policies developed in these spaces, as well as to investigate the rural-city relationship and understand the logic and dynamics between fairs and supermarkets. Methodologically, the composition of the method, methodological procedures and space-time framework were discussed. Therefore, the discussions have as their starting point Historical-Dialectical Materialism, whose tools for acquiring data and information consisted of semi-structured questionnaires, scientific bibliography review, photographic records and cartographic treatment. The research took place from 2021 to 2023 in street markets and public markets in the cities of Araçagi and Guarabira, located in the Agreste Region of the State of Paraíba. Within the set of discussions, issues that deal with hygiene conditions, local market disputes, the genesis of the two municipalities, structural issues, and the variety of products and/or services offered stand out. Among the main outcomes, we can list structural problems, concerns about hygiene, reduced clientele, reduced revenue, rainwater drainage and unequal competition between fairs and supermarkets. The results also point to the low level of education of sellers, and carrying out activities to supplement their income. The main conclusions permeate the need for renovations to the spaces studied, acquisition of new equipment, drainage of rainwater and care for the waste produced, in addition to the need to become aware of responsible consumption and the importance of expanding studies focused on the topic of commerce in small towns.

Keywords: open-air fairs. public markets. urban. cities.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mercado público municipal de Guarabira	24
Figura 2 – Mercado público do peixe após demolição para reforma	27
Figura 3 – Mercado público do peixe	28
Figura 4 – Feira de Araçagi em momento de chuva	32
Figura 5 – Guarabira a partir da Serra da Jurema	34
Figura 6 – Centro de Guarabira, praça de táxi e ao fundo praça D. Pedro II	38
Figura 7 – Banheiros do mercado público do peixe	43
Figura 8 – Interior do mercado público de Guarabira	45
Figura 9 – Mercado público de Araçagi	46
Figura 10 – Mercado público de Guarabira	49
Figura 11 – Boxes do mercado público de Guarabira	50
Figura 12 – Louças em argila no espaço do mercado público de Guarabira	58
Figura 13 – Vendedora de tubérculos (raízes) na feira livre de Araçagi	58
Figura 14 – Materiais presentes dentro do mercado público de Araçagi, espaço de comercialização de pescados	64
Figura 15 – Feira livre de Guarabira em momento de chuva	64

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Localização do município de Araçagi/PB	19
Mapa 2 – Localização do município de Guarabira/PB	21
Mapa 3 – Localização da feira livre de Guarabira	35
Mapa 4 – Localização da feira livre de Araçagi	37

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	População, porcentagem e amostra dos entrevistados	30
Gráfico 2 –	Higiene da feira livre de Araçagi	39
Gráfico 3 –	Higiene da feira livre de Guarabira	40
Gráfico 4 –	Uso de propaganda pelos feirantes de Araçagi	42
Gráfico 5 –	Tipo de produto comercializado na feira de Araçagi	46
Gráfico 6 –	Natureza dos produtos comercializados em Araçagi	47
Gráfico 7 –	Ocupação dos feirantes de Guarabira	48
Gráfico 8 –	Município dos feirantes de Guarabira	54
Gráfico 9 –	Origem dos produtos da feira livre de Guarabira	55
Gráfico 10 –	Estrutura da feira de Araçagi	57

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 –	Distribuição percentual da população por situação de domicílio – Brasil – 1980 a 2010	18
Quadro 2 –	Comparação Araçagi e Guarabira	34
Quadro 3 –	Sexo dos entrevistados	36
Quadro 4 –	Migração da clientela	41
Quadro 5 –	Movimento da feira livre de Guarabira e Araçagi	52
Quadro 6 –	Escolaridade dos feirantes de Guarabira e Araçagi	53
Quadro 7 –	Rendimento dos feirantes de Araçagi e Guarabira	55
Quadro 8 –	Aquisição de empréstimos e quitação das dívidas em Guarabira e Araçagi ...	56

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ALPB	Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CEASA	Central de Abastecimento
COVID-19	Corona Virus Disease
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
IDHM	Índice de Desenvolvimento Humano Municipal
MAPASAN	Mapeamento de Segurança Alimentar e Nutricional
NSR	Não Soube Responder
PRPGP	Pró Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa
PB	Paraíba
PE	Pernambuco
RN	Rio Grande do Norte
REGIC	Regiões de Influência das Cidades
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TV	Televisão
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UF	Unidade Federativa

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 CARACTERIZANDO OS ESPAÇOS ESTUDADOS E PROCEDIMENTOS ATODATDOS NAS PESQUISAS EM ARAÇAGI E GUARABIRA.....	18
2.1 Diálogos: feira livre e mercado público, uma abordagem a partir do vivido.....	22
2.2 O consumo na sociedade moderna: capitalismo, consumismo e circuitos econômicos.....	24
2.3 campo e cidade: relações que culminam nas feiras livres.....	29
3 OS ESPAÇOS DE COMÉRCIO E CONSUMO DE ARAÇAGI E GUARABIRA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS	33
3.1 Dinâmicas das feiras livres e mercados públicos: estruturas, fluxos, conjunturas e resistências na contemporaneidade.....	41
4 CONTRASTES ENTRE AS FEIRAS E COMÉRCIO DE GUARABIRA E ARAÇAGI: ABORDAGENS E POSSIBILIDADES	51
4.1 Feira livre e mercado público: manifestações culturais, força econômica e declínio frente a modernidade	58
4.2 Feira livre, mercado público, sociedade de consumo e globalização.....	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	67
REFERÊNCIAS	70
APÊNDICE – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NA PESQUISA	74

1 INTRODUÇÃO

Buscando compreender o panorama de comércios e consumos nos espaços urbanos de cidades pequenas do interior do estado da Paraíba, foram lançados esforços em pesquisar as feiras livres das cidades que compõem a Região Geográfica Imediata de Guarabira, com ênfase à Araçagi e à própria Guarabira, por meio de projetos de pesquisa. No conjunto das questões que os cidadãos enfrentam no urbano brasileiro, foram investigados os tópicos que relacionam comércio-cidade e campo-cidade, suas problemáticas, constituições e especificidades. A proposta nasce a partir das vivências do autor, uma vez que este, ao integrar espaço ao qual vem pesquisando, notou uma série de problemas pouco debatidos pela ciência geográfica.

Deste modo, figuram a seguir as principais questões trabalhadas nesta pesquisa, onde na cidade, sendo palco das manifestações urbanas, materiais e imateriais, seus cidadãos convivem com a falta ou má implementação de políticas públicas em diversos aspectos de um espaço dotado de carências sem solução aparente. Sendo assim: 1) em que medida o cidadão e o campesino contribuem para a consolidação de um comércio e consumo tradicional e pujante nos espaços-tempos em que vivemos? 2) Como se relacionam os pequenos mercados, constituídos por mercados públicos e feiras, frente a hegemonia de *shoppings* e grandes redes de varejo que emergiram no cenário das cidades interioranas nas últimas décadas? 3) Qual o panorama de feiras e mercados públicos quanto à higiene (dos alimentos e espaços), estrutura (dos espaços) e faturamento dos comerciantes?

Além disso, somam-se: 4) Como as reflexões cotidianas sobre as atividades e dinâmicas econômicas podem contribuir para um usufruto menos desigual dos espaços comerciais pelos grupos e classes sociais das cidades pesquisadas? 5) Como se dão as relações estabelecidas pelos espaços comerciais e de consumo com o poder local, mediante os interesses e necessidades de seus/suas respectivos/as usuários/as e consumidores/as? O conjunto de problemas mencionados representa uma “amostra” do conflituoso, desigual e excludente espaço de pesquisa que é o urbano brasileiro: este, sobretudo, marcado pelo comércio e consumo, tem sua dinâmica, movimentos que exigem do pesquisador algo além do olhar, isto é, uma interpretação para além da observação, calcada na investigação científica, consistindo em buscar as raízes das coisas, suas essências, além das aparências.

O objetivo geral foi abordar as questões entre as feiras, os espaços comerciais e seus consumos em cidades que compõem a Região Geográfica Imediata de Guarabira/PB, enfatizando suas constituições a partir das relações de sociabilidade, dos usos e

intencionalidades no âmbito da aquisição espacializada de mercadorias e das ações de gestão e planejamento urbano expressas no cotidiano econômico vigente.

Já os objetivos específicos foram: estabelecer um panorama sobre as condições de comercialização dos espaços estudados, tendo como foco higiene, organização dos espaços, estruturas e faturamento; entender as lógicas e dinâmicas entre pequenos espaços comerciais – muitas vezes inseridos no circuito inferior da economia urbana proposto por Santos (2008c)¹ – frente às grandes redes de varejo que despontam no espaço urbano interiorano no tempo recente e, por último, promover o debate em torno da ação ou a falta dela, por parte dos órgãos públicos, estes manifestados sob a forma de políticas públicas para os espaços estudados.

A metodologia deste trabalho está organizada em método, procedimentos metodológicos e recorte espaço-temporal. Neste caso, seguimos a linha de raciocínio do materialismo histórico-dialético ou dialética marxista. Compreende os procedimentos e ferramentas adotados para coleta e tratamento de dados estatísticos como, também, a delimitação espaço-temporal ao qual esta pesquisa alcança. Nas próximas linhas, nos dedicamos ao método.

A dialética marxista nasce das reformulações feitas por Marx e Engels a partir da dialética de Hegel. O pensamento marxista compreende três leis fundamentais, sendo elas lei da passagem da quantidade à qualidade, lei da unidade e da luta dos contrários (contradição) e lei da negação da negação (TRIVIÑOS, 2008). A dialética surge de uma longa e complexa batalha de ideias que se desenvolve entorno desta discussão, surgindo o idealismo kantiano; Hegel, por sua vez, defende a ideia sobre a matéria, enquanto Marx compreende que nem tudo é só ideia nem tão somente matéria, mas a junção e o equilíbrio das duas coisas (LESSA; TONET, 2008).

Para a primeira lei, compreendemos a necessidade da transformação dos valores quantitativos em qualitativos. Um não exclui o outro, sua importância e necessidade, mas é notória a importância da relação conteúdo e forma: qual o conteúdo de um dado quantitativo? Isto é, a interpretação está além dos números, sobre o que eles representam (TRIVIÑOS, 2008).

¹ Para Santos, um dos dois circuitos é o resultado da modernização tecnológica. Consiste nas atividades criadas em função dos progressos tecnológicos e das pessoas que se beneficiam deles. O outro é igualmente resultado da mesma modernização, mas um resultado indireto que se dirige aos indivíduos que só se beneficiam parcialmente ou não se beneficiam dos progressos técnicos recentes e das atividades a eles ligadas (SANTOS, 2008, p. 38).

Neste caso, este trabalho se utiliza da primeira lei da dialética: foram produzidos dados quantitativos e a interpretação que foi feita desses, é de abordagem qualitativa. Quando organizadas amostragens de trinta por cento dos/as comerciantes das feiras de Araçagi e Guarabira, os dados não foram tratados de forma descritiva e sim de modo crítico, investigativo, com o intuito de estabelecer relações entre diferentes temporalidades, maneira de compreender os movimentos que promovem a problemática estudada.

Nesse estudo, há a existência da segunda e terceira lei do materialismo histórico e dialético, uma vez que o conjunto das três leis constitui a essência da dialética. Assim, a segunda lei prega a união e a oposição dos contrários, onde, na transformação são opostos, mas não existem um sem o outro. Nesse processo de luta dos contrários, temos o exemplo da burguesia e do proletariado, estando em interação contínua, porém, em polos opostos (TRIVIÑOS, 2008).

De acordo com Lessa e Tonet (2008), a razão da acumulação de capital e o motivo da divisão de classes sociais está quando o homem passou a desenvolver a produção, gerando excedentes, esses excedentes tornaram possível a exploração do homem pelo próprio homem, é a relação das classes, a dominante e a dominada, no mundo capitalista, uma não existe sem a outra. Ainda conforme nos afirmam os autores supracitados, a razão disso tudo está no trabalho: é por meio deste que o ser humano transforma a natureza e ao transformá-la, transforma a si próprio também.

No alvo das pesquisas, foi considerado o contexto capitalista: pequenos/as comerciantes e grandes redes de distribuição estão conectadas pela clientela e uma série de outros fatores, sendo esta, a clientela, sua maior disputa, com a cidade sendo palco dos conflitos e das lutas das classes. Adiante, discute-se a terceira lei, onde, no desenvolvimento dos fenômenos, considera-se as relações entre o antigo e o novo, a terceira lei é resultante da segunda, podendo ser distinguido dois tipos de negação: a dialética e a metafísica (TRIVIÑOS, 2008).

Os procedimentos adotados para esta pesquisa consistiram na utilização e revisão de bibliografia científica (livros, artigos, trabalhos de conclusão de cursos de graduação) no âmbito da geografia, sociologia, filosofia e urbanismo, com ênfase aos temas comércio e consumo populares, feiras livres, mercados, capitalismo e cidade-urbano.

Foram utilizados, também, questionários semiestruturados² de elaboração própria, aplicados a uma amostra de trinta por cento do público feirante das espacialidades das feiras livres de Araçagi e Guarabira na vigência das cotas de bolsas de iniciação científica 2021-2022 e 2022-2023 ofertadas pela PRPGP/UEPB e CNPq, ao qual novamente estendemos nossos agradecimentos.

A justificativa desta pesquisa está para além do simples acesso aos locais pesquisados: antes de tudo, representa inquietações no seio do vivido, do cotidiano experienciado, vestígios de questões pouco debatidas pela comunidade acadêmica/científica local, sobre os temas tratados (feiras, mercados públicos, comércio, consumo, cidade e urbano). Assim como já mencionado, o pouco debate e a pouca produção em torno destes temas faz necessário lançar novos escritos sobre problemas do cotidiano de cidadãos e camponeses, estes últimos participando do urbano através das feiras, sendo “um ambiente onde o camponês se realiza na cidade” (AZEREDO; ALVES, 2010, p. 146). As feiras são máxima expressão do encontro do espaço agrícola e urbano na cidade.

Visamos contribuir qualitativamente com os pesquisados, constituindo instrumento para o conhecimento. Parte dos trabalhos realizados na região sobre a temática datam de dez a quinze anos atrás entre eles, destacam-se: Azeredo e Alves (2010) e, Silva e Tavares (2010), havendo a importância de novas contribuições que extrapolem a discussão teórica, mas que adentrem os espaços apontados no início deste trabalho. Ainda sobre a relação campo e cidade, Le Goff (1998, p. 33) afirma que “a cidade, portanto, pode ser penetrada pelo campo; não seria pertinente definir, a este respeito, uma separação absoluta”, constituindo um espaço complexo, carente e tradicional que, no decorrer das décadas, vem perdendo força econômica.

Antes de “mergulhar” de fato no tema, a estrutura apresentada abaixo trata das questões inerentes à higiene de comercialização, disputas entre mercados, estrutura e manutenção da cultura das feiras, pois contribui para o fortalecimento da economia local e subsistência de centenas de trabalhadores/as. A expectativa é a de que o Estado brasileiro, em suas esferas de poder, possa pensar e executar políticas públicas voltadas aos espaços estudados, bem como pesquisadores/as se utilizem desse estudo como mola propulsora de novos conhecimentos sobre o tema em questão.

Assim, Santos (2008c) atenta que a cidade é uma máquina dotada de dois circuitos de produção, na qual, possuem interações, conflitos e demandas diversas. A cidade é viva, ganha

² Durante a aplicação dos questionários, foi notado que parte das questões não se adequava ao público, fazendo com que muitos dos feirantes preferissem “pular” a questão, portanto, de todas as questões, apenas algumas delas ficaram de fora das discussões.

forma, se produz e reproduz através do trabalho, dissemina informação, serviços, culturas e produtos. Nesse amplo espectro que a geografia urbana oferta para o estudo, buscamos o entendimento da cidade por meio do ângulo do comércio materializado pelas feiras e mercados públicos, seus usos e intencionalidades.

O texto foi organizado em quatro capítulos. Após a introdução, o capítulo 2 apresenta alguns aspectos importantes dos espaços trabalhados e como se organizou-se os procedimentos da pesquisa e suas etapas. O subcapítulo 2.1 discute o movimento de passagem do consumo no espaço para o consumo do espaço, para Carlos (2007), a sociedade consome os produtos e serviços especialmente diferenciados. Na subseção 2.2 considerou-se as colaborações e críticas do sociólogo Zygmunt Bauman e, relacionou-as com o contexto pesquisado, tendo como aportes, Diniz (2012), Pintaudi (2007) e os escritos de Santos (2008) sobre os circuitos da economia urbana. Já no subtópico 2.3 foi abordado a relação campo-cidade em Araçagi e Guarabira.

O capítulo 3 foi subdividido em 3.1, ambos abordam os dados colhidos em campo, nota-se a disposição de figuras, mapas, quadros e gráficos. Relacionando os achados bibliográficos junto as informações do trabalho de campo, discutiu-se os problemas e perspectivas correlatos as feiras livres e mercados públicos, questões que envolvem higiene, estruturas e disputas com as redes de supermercados.

O capítulo 4 é o último dos capítulos e foi subdividido em 4.1 e 4.2. Nesta parte do texto, tratou-se dos contrastes entre as espacialidades das feiras de Araçagi e Guarabira, abordando suas possibilidades. Assim, observa-se nos escritos a discussão dos resultados e a incorporação no texto de importantes aportes teóricos para o entendimento das informações dispostas. No subcapítulo 4.1 foram tratadas algumas obras musicais que se relacionam aos produtos e costumes das feiras e, no subtópico 4.2 aprofundou-se teoricamente as discussões em torno de feiras livres e mercados públicos considerando a atual sociedade de consumo e globalização. O texto segue com as considerações finais, referências e apêndice.

2 CARACTERIZANDO OS ESPAÇOS ESTUDADOS E PROCEDIMENTOS ADOTADOS NAS PESQUISAS EM ARAÇAGI E GUARABIRA

Os procedimentos e ferramentas utilizados para as pesquisas foram organizados em três etapas, sendo elas: visita à Prefeitura Municipal de Araçagi em 2022 e Guarabira em 2023, à biblioteca municipal de Guarabira, ao mercado público e à feira livre das duas cidades acompanhado de algumas conversas informais com feirantes e transeuntes, compreendendo a primeira etapa. Em seguida, os questionários semiestruturados foram aplicados para a amostra já mencionada. A terceira etapa foi composta pelo trabalho de organização das estatísticas e dados obtidos em campo.

O trabalho de campo em Araçagi começou com visitas *in loco* aos espaços, acompanhados de registros fotográficos e conversas informais, antecedendo o início das aplicações de questionários que se realizaram em três visitas, nas datas 11 de junho, 02 de julho e 16 de julho no ano de 2022, todas acompanhadas pelo registro fotográfico e diário de campo elaborado após as visitas. De acordo com funcionários da prefeitura daquele município, a feira, em 2022, contava com cento e quarenta e um feirantes e, seguindo a amostra estabelecida, foram aplicados questionários para quarenta e cinco feirantes.

Depois do tratamento dos dados de Araçagi, em março de 2023, teve início o trabalho de campo em Guarabira, compreendendo as datas 11, 15, 18 e 25 de março, 27 de maio, 03 junho e 09 de julho do corrente ano. Segundo o atual secretário de urbanismo e meio ambiente da cidade, em 2014, a feira daquele município contava com cerca de oitocentos feirantes; ainda durante as aplicações dos questionários por nossa parte, os funcionários da prefeitura realizavam, concomitantemente, o cadastramento dos feirantes. Segue quadro 1 comparativo do trabalho de campo em Araçagi e Guarabira:

Quadro 1 - Total de feirantes, porcentagem e amostra dos entrevistados.

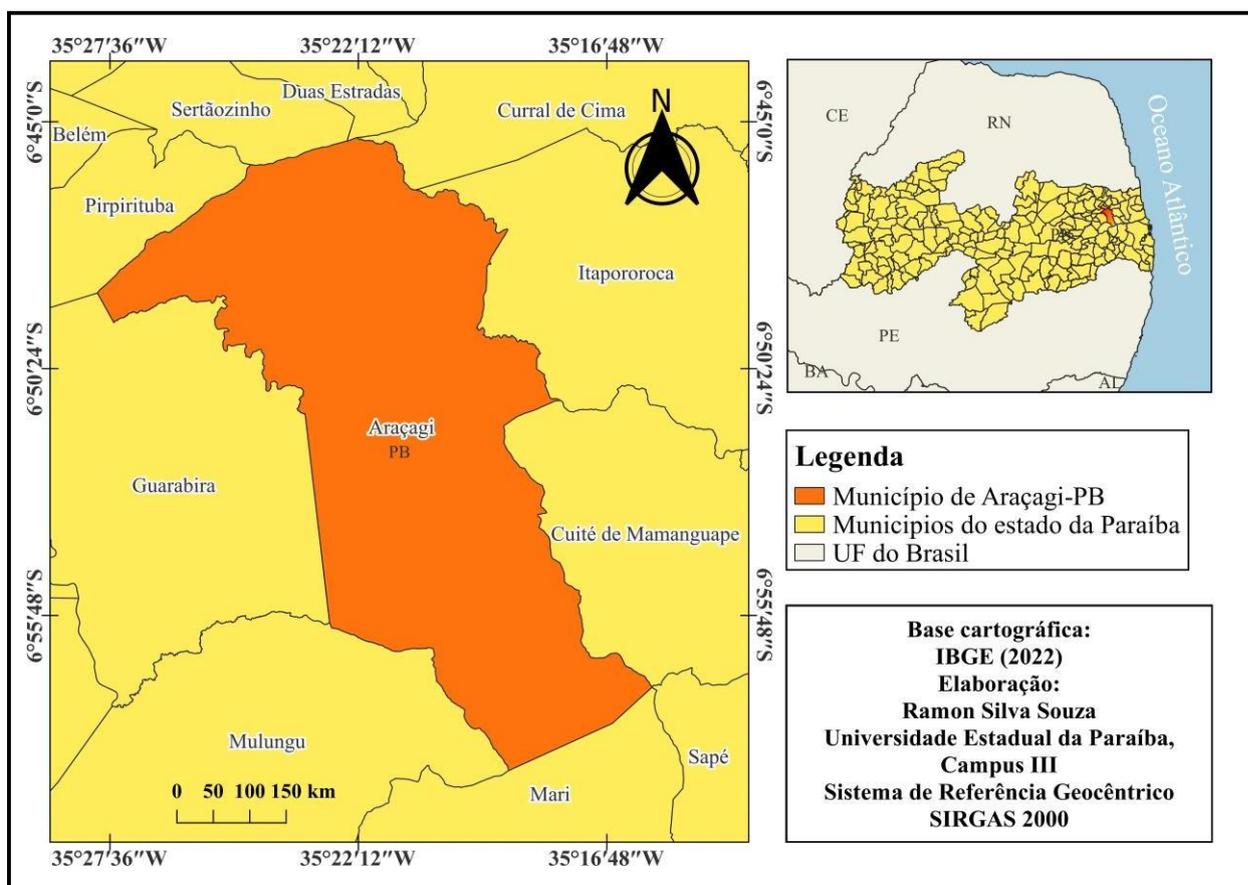
Cidade	Total de feirantes	Amostra	Público entrevistado
Araçagi	141	30%	45
Guarabira	748	30%	224

Fonte: Prefeitura Municipal de Araçagi e Guarabira, 2022 e 2023.

A temporalidade em que as pesquisas foram realizadas se deu durante o isolamento social em setembro de 2021 e em agosto de 2023, já com uma realidade melhor em relação à pandemia de Covid-19, de retomadas. Araçagi está situada no Agreste do estado da Paraíba, a cerca de 83 km da capital João Pessoa e à 13 km da cidade de Guarabira, também no Agreste.

A mesma é limítrofe com a já mencionada Guarabira, além de Sertãozinho, Pirpirituba, Duas Estradas, Curral de Cima, Lagoa de Dentro, Itapororoca, Cuité de Mamanguape, Mari, Sapé e Mulungu, todos pertencentes ao território paraibano. De acordo com o IBGE (2023), em 2010, a população de Araçagi era de 17.224 habitantes e em dados atualizados com o Censo 2022, tem-se uma população de 16.646 pessoas. A fim de ilustrar a espacialidade mencionada, segue a mapa 1.

Mapa 1: Localização do município de Araçagi/PB



Fonte: Ramon Silva Souza (2023), adaptado de IBGE (2022)

Araçagi é polarizada por Guarabira, que se distanciam cerca de quinze quilômetros uma da outra. Dentro das novas classificações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2017), a cidade compõe a Região Geográfica Imediata de Guarabira e Intermediária de João Pessoa. De acordo com a pesquisa Regiões de Influência das Cidades (REGIC) do IBGE (2018), Guarabira é uma das 256 cidades que compõe o Centro Sub-regional B. Como já descrito, Guarabira exerce forte influência nos municípios circunvizinhos e, por isso, é notória a migração pendular que a oferta e demanda por serviços e produtos gera.

A REGIC buscou “realizar um panorama da rede e da hierarquia para cada um dos temas estudados: Gestão do território; Comércio e serviços; Instituições financeiras; Ensino superior; Saúde; Informação; Cultura e esporte; Transporte; Atividades agropecuárias; e Ligações internacionais” (REGIC-IBGE, 2018, p. 9). Desse modo, estudada sua feira, um ponto econômico importante e influente em meio ao Agreste da Paraíba, o município de Guarabira contava em 2010 com 55.326 pessoas e, em 2022, esse número é de 57.484 pessoas (IBGE, 2023).

A cidade de Guarabira representa um polo em meio a região do Agreste paraibano por atrair de municípios vizinhos estudantes, profissionais e consumidores/as de produtos e dos mais diversos serviços, além da religiosidade, sobretudo dos/as que professam a fé católica, pois é em Guarabira que se localizam a catedral de Nossa Senhora da Luz e o memorial de Frei Damião, que reúne centenas de fiéis (SOUZA *et al*, 2014). O município de Guarabira surgiu em meados do século XIX como um ponto de pouso, onde paravam tropeiros com suas boiadas. Além disso, Costa Beiriz, um português, trouxe consigo a Nossa Senhora da Luz, e nas terras de Duarte da Silveira, fundou a hoje conhecida Guarabira com a construção de uma capela destinada à santa (SOUZA *et al*, 2014; SOUZA, 2018). Com a finalidade de representar tal espaço, segue o mapa 2.

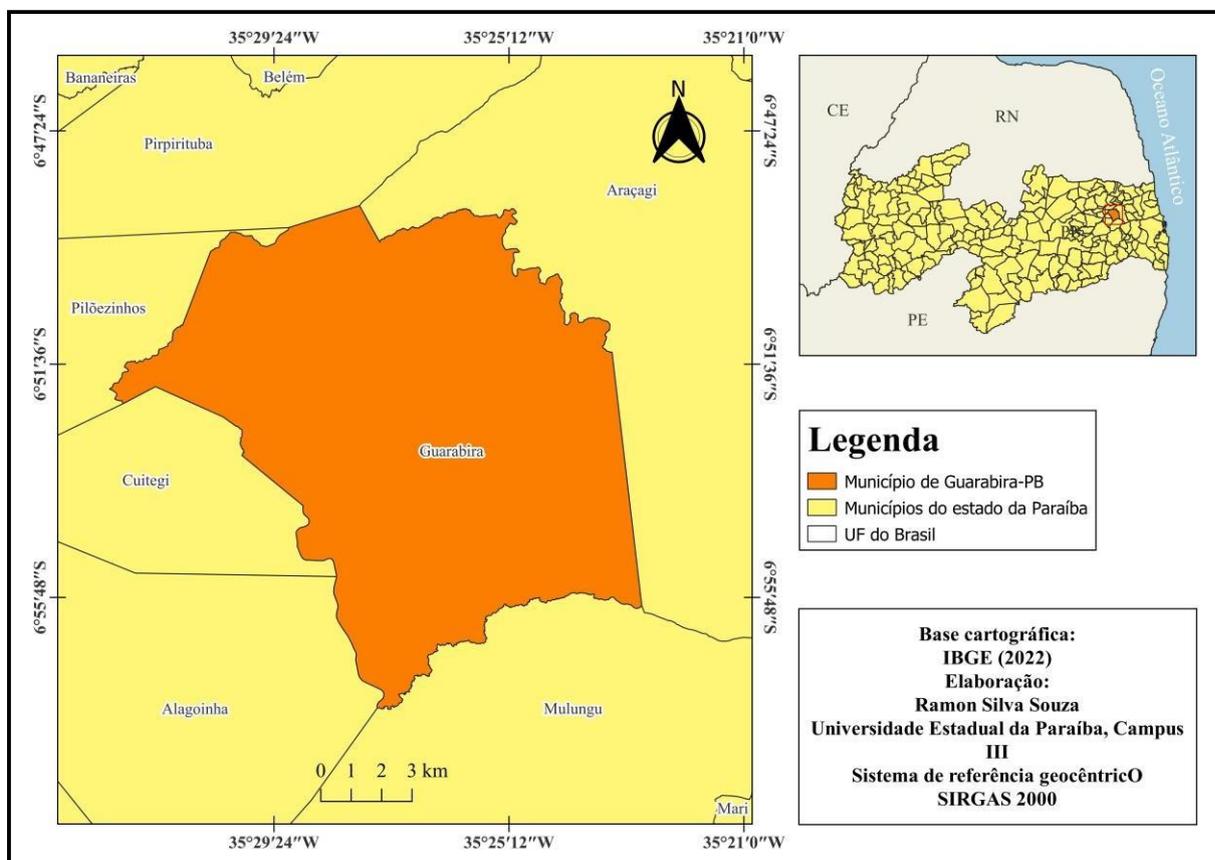
A cidade de Guarabira, por meio de sua feira livre e imponente comércio, dinamiza sua região, atraindo públicos de centros urbanos vizinhos fluxos cotidianos para trabalho e consumo na feira, mercado e demais estabelecimentos. De acordo com Grangeiro (2019, p. 27), o “setor terciário é a base da econômica local, pois existe uma grande variedade de lojas dos mais variados segmentos como tecidos, sapataria, confecções, óticas, farmácias e supermercados entre outros estabelecimentos”. A existência dessa gama de produtos e serviços atrai a população dos municípios vizinhos para Guarabira.

Como se observa, Guarabira não “foge a regra” sua gênese se dá mediante o comércio originado no circuito inferior da economia urbana³. Para Benevolo (2009, p. 27), nas cidades “se compreende santuários, laboratórios, armazéns, lojas onde vivem e trabalham diversas categorias de especialistas”, revelando que o comércio e a valorização do dinheiro se dão na cidade, como frisou Le Goff (1998). Assim, em Guarabira, o comércio, sobretudo motivado pelos excedentes da cotonicultura, colaborou para o seu nascimento e desenvolvimento, tendo

³ Para Santos (2008c, p. 43) a “diferença fundamental entre as atividades do circuito inferior e as do circuito superior está baseada nas diferenças de tecnologia e de organização”.

suas marcas ainda grafadas nos casarões destinados ao descaroçamento do algodão (SOUZA, 2018).

Mapa 2: Localização do município de Guarabira/PB



Fonte: Ramon Silva Souza (2023), adaptado de IBGE (2022)

A realização desses estudos abre possibilidade para o desenvolvimento de políticas públicas em torno das espacialidades estudadas, não somente estas, mas, também, em nível regional e nacional. As feiras datam do período medieval, cujo comércio possui íntima relação com o surgimento das cidades, como nos afirmam Lessa e Tonet (2008, p. 65): “Com o comércio e as cidades, surgiram duas novas classes sociais: os artesãos e os comerciantes, também chamados de burgueses”, constituindo a forma mais antiga e acessível de adquirir alimentos e produtos diversos por preços acessíveis. Contudo, no decorrer dos anos, vem sofrendo influência de formas modernas de comércio, os supermercados.

O mercado local, regional, nacional e global tem na contemporaneidade assumido novos ritmos e formas, dentre elas a informação. Santos (2008a, p. 38) afirma que “a informação, em todas as suas formas, é o motor fundamental do processo social e o território é, também, equipado para facilitar a sua circulação”. Nesta grande e complexa engrenagem

pela qual a sociedade é movida a consumir, a informação está a serviço do consumo, onde está associação é um fator responsável pela transformação da economia, da sociedade e organização do espaço (SANTOS, 2008a).

2.1 Diálogos: feira livre e mercado público, uma abordagem a partir do vivido

Ao longo destes escritos, procura-se responder às questões postas no início desta seção, bem como as problemáticas apontadas no início da seção 1. A discussão começa com Carlos (2007b, p. 112), ao afirmar o “movimento de passagem do consumo no espaço ao consumo do espaço”. De acordo com a autora, o tipo de atividade ofertada atrai o público de forma diferenciada e chama a atenção para um movimento pouco investigado: consumir não apenas produtos, mas, também, o espaço. Tal comportamento se reproduz na cidade, no hodierno, quando a clientela se exime de frequentar feiras, para consumir as benesses de supermercados, atacadões e *shoppings centers*.

O/a cliente não é obrigado/a a consumir na feira livre, no mercadinho, no supermercado, no atacadão, no *shopping* ou em qualquer outro lugar: se trata de um movimento global movido pelo capital, onde o/a cliente não é apenas só um/a cliente, mas, no mundo atual, este/a é, também, junto do espaço, uma mercadoria. No mundo capitalista, os seres humanos também se tornam mercadoria; neste caso, a clientela é o alvo das disputas pelo mercado independentemente do tamanho dos mercados, não se pode negar sua condição capitalista. A cidade é complexa, são facetas de um mesmo tema que se interrelacionam, sendo um dos muitos aspectos que a ciência geográfica investiga na temática do urbano.

Já que foi apontada tal dinâmica pela autora acima, avança-se um pouco mais e nos deparamos com uma outra questão: a produção do espaço abstrato. Vejamos Damiani (2020, p. 93): “a produção do espaço abstrato urbano, como a grande maquinaria dos últimos dois séculos” e percebamos os movimentos: somos todos/as “marionetes”, “fantoques” que correm apressados/as pelas calçadas, ruas e avenidas da cidade, afim de produzir mais, é o tempo do capital que guia as nossas vidas e tudo o que é produzido não nos pertence; ao proletariado, cabe o salário, a venda de sua força de trabalho, como se o mesmo fosse mercadoria, porém nos nossos espaços-tempos, o ser humano é tratado como mercadoria.

Está aí um espaço abstrato, mas o que é mesmo uma abstração? De forma simples, é algo que não é concreto. A concretude do que se vê nas cidades só não é abstrato para as classes dominantes, para os/as donos/as dos meios de produção esses espaços são bem reais, “porque perdemos o tempo da história em prol do tempo da vida cotidiana, e os espaços

urbanos tendem a produzir o homem cordato, com ou sem trabalho, pois o espaço abstrato do capital generaliza os tempos e espaços vazios da possibilidade de fazer história” (DAMIANI, 2020, p. 92). De forma simplificada, passamos a vida para produzir algo que não é nosso e, portanto, não podemos consumir.

As feiras livres e mercados públicos, diferente de outros espaços, ofertam produtos com qualidade e menor preço, um espaço democrático a todos/as, que existe desde quando criada a burguesia e os/as artesãos/ãs decidiram ocupar os burgos das cidades antigas e comercializavam ou trocavam. Tal forma de comércio permanece viva até hoje e devido o “esquecimento” do Estado, tem estruturas inadequadas tal qual sua criação nos períodos feudais. Sobre a origem do comércio, Lessa e Tonet (2008, p. 64-65) discorrem:

Frente à crise, os senhores feudais romperam o acordo que tinham com os servos e expulsaram do feudo os que estavam sobrando. Estes, sem terem do que viver, começaram a roubar e a trocar o produto do roubo com outros servos. Como todo mundo estava produzindo mais do que necessitava, todos tinham o que trocar e voltou a florescer o comércio. Em pouco mais de dois séculos, as rotas comerciais e as cidades renasceram e se desenvolveram em quase toda a Europa.

A questão é que, em nossos dias, essas estruturas que geralmente observamos aos sábados ou quartas-feiras têm apresentado, em suas feições, sinais de intensa deterioração. Se trata do Estado participante de uma lógica de reprodução do *status quo*. Ao investigar a feira de Pirpirituba, Silva e Tavares (2010, p. 166) perceberam que “aconteceu uma diminuição em seu movimento semanal o que nos leva a crer no não desenvolvimento da feira observada”.

Quando Azeredo e Alves (2010, p. 145) se dedicaram aos estudos da feira livre de Guarabira, apontaram que “as feiras livres de Guarabira/PB acontecem sempre em dias oficiais da semana, quarta e sábado, muito embora, praticamente todos os dias da semana possamos encontrar muitos produtos e mercadorias, dos mais variados gêneros, expostos à venda”. Ou seja, Guarabira tem uma das feiras mais pujantes na sua região, produtos e serviços que já não se encontram mais em feiras de municípios vizinhos, são encontrados na feira livre de Guarabira.

Passados mais de uma década em que os autores supracitados estudaram a feira de Guarabira e apontaram que “os dois mercados públicos, hoje bastante deteriorados, sendo o primeiro inaugurado na década de 1950 e o segundo pouco mais de uma década depois”, se encontram praticamente no mesmo estado sem quase nenhuma intervenção da prefeitura municipal. Na época, os autores descreveram que “ambos encontram-se obsoletos e em estado de absoluta insalubridade” (AZEREDO; ALVES, 2010, p. 145). A figura 1 ajuda a ilustrar a estrutura do mercado público.

Figura 1: Mercado público municipal de Guarabira/PB



Fonte: Ramon Silva Souza, março de 2023.

As realidades apontadas não são exclusivas do município de Guarabira: Araçagi, uma cidade da qual também foi palco das pesquisas, partilha de realidades análogas aos movimentos discutidos. É um espaço de menor porte, contudo, repleto de problemas e particularidades no comércio local amplamente influenciado por Guarabira, uma relação de forte influência já que o dia de comercialização é comum, o sábado. Os dois municípios têm suas especificidades e em comum, porém, com dinâmica própria.

2.2 O consumo na sociedade moderna: capitalismo, consumismo e circuitos econômicos

Introdutoriamente, a imersão neste tema ganha aos poucos profundidade. Aqui, cabem as considerações do sociólogo Bauman (2011) sobre a passagem da sociedade de consumo para a sociedade do consumismo, um padrão enraizado em nossos espaços-tempos e que há importância de se discutir. Alinhado a isso, Bauman (2001) aponta também para a modernidade líquida, um mundo líquido, de fluidos, onde nada é feito para durar, na (in)solidez dos produtos adquiridos observamos a sua baixa duração.

Esse padrão se alinha também ao que Bauman (2010) chamou de capitalismo parasitário: interligados os pontos, temos uma sociedade que produz e não consume, porém é midiaticamente forçada a consumir cada vez mais e tais produtos não duram, fazendo com que aumente, cada vez mais, a cadeia de produção, consumo e descarte. Parte da sociedade não enxerga as “cordas” e as “mãos” que guiam as nossas vidas e, pior, até defendem sistemas

de exclusão, segregação e dominação que impulsionam para a “margem do precipício”. É viver uma vida inteira sendo manipulados/as por um sistema que privilegia o lucro e a acumulação independente de qualquer coisa, pois,

no capitalismo, as relações sociais são, antes de mais nada, instrumentos para o enriquecimento pessoal. Se para um burguês enriquecer, ou se tornar ainda mais rico, for necessário jogar milhões na miséria – ou mesmo matar milhões – ele assim o fará, e a sociedade burguesa aceitará esse fato como “natural” (LESSA; TONET, 2008, p. 68).

Aos poucos, entendem-se os mecanismos que movem a sociedade, para onde a conduz e, a essa altura, faz necessário compreender que o distanciamento do Estado sobre suas obrigações não acontece por esquecimento mas, intencionalmente, mantendo o *status quo*. A quem serve o deterioramento das feiras e mercados públicos? Pode estar no imaginário popular, que “é assim mesmo”, que “é natural”, “sempre foi assim”. Contudo, não concordamos com tal leitura do real: os movimentos na cidade são intencionais e buscam servir um/a senhor/a, o/a capitalista.

Nas feiras, é possível de ser encontrada uma grande variedade de produtos e serviços a baixos custos, é visível notar um público variado de distintas condições socioeconômicas e que frequentam o espaço por tradição. Na cidade, no urbano e, sobretudo no espaço das feiras, se desenvolve um conjunto de sociabilidades, tradições e costumes diversos, raramente vistos em outros espaços. Há, portanto, a necessidade de salvaguardar a saúde de frequentadores e vendedores através de políticas públicas para os espaços mencionados. Araçagi e Guarabira possuem suas próprias dinâmicas no que se refere ao comércio e consumo, desenvolvem uma relação de forte influência, sobretudo de Guarabira com Araçagi.

Araçagi está dentro do que Milton Santos classificou de circuito inferior da economia urbana onde “a publicidade não é necessária, graças aos contatos com a clientela, e tão pouco seria possível, já que a margem de lucro vai diretamente para a subsistência do agente e de sua família” (SANTOS, 2008c, p. 47). Foi possível identificar que a atividade comercial araçagiense é marcadamente em sua maioria, feita sem o uso de tecnologias havendo algumas exceções que buscam alinhar-se aos padrões e ritmos que o mercado toma.

Ainda na pauta dos dois circuitos, Guarabira mescla um pouco de cada um dos dois: na feira livre, predomina o circuito inferior, nas adjacências da feira e às margens da estrada PB-073, comércio das quais emprega esforços alinhados ao circuito superior, este último “constituído pelos bancos, comércio e indústria de exportação, indústria urbana moderna, serviços modernos, atacadistas e transportadores” (SANTOS, 2008c, p. 40). Ao interpretar as relações que se desenvolve em ambos os municípios estudados, considerando suas

proximidades (física e de influência), alinhados ao histórico de desenvolvimento, temos uma linha do tempo.

Tal panorama, atrelado ao histórico cotonicultor, grafa na paisagem da então Vila Independência (atual Guarabira) armazéns, galpões e casarios históricos, ligados ao descaroçamento de algodão, sendo instalada, neste município, malha ferroviária por volta do ano de 1884, cuja estação recebera o nome do genro do então imperador, D. Pedro II, príncipe Gastão de Orleans, ficando a estação reconhecida por Conde D'Eu, ao qual esteve viajando de trem e se fez presente na inauguração, porém sequer desceu do vagão do trem, que ligava Guarabira aos estados do Recife/PE e Rio Grande do Norte/RN, bem como os municípios circunvizinhos (SOUZA, 2018).

O município de Guarabira possui um fator fundamental ao seu nível de importância: a sua localização geográfica, estando no “meio do caminho” entre a capital paraibana, João Pessoa e Campina Grande, que também teve e tem importante relevância econômica no estado da Paraíba. No caso desta última, Diniz (2015) aponta para o seu desenvolvimento através da feira livre. Na Paraíba, em nível de importância, pode-se eleger as já mencionadas João Pessoa, Guarabira, Campina Grande, e soma-se, também, Patos, Souza e Cajazeiras, ambas no sertão do estado, formando um verdadeiro cordão econômico de leste a oeste do estado da Paraíba.

Se em Campina Grande a feira livre foi o motor que impulsionou o desenvolvimento da Cidade, em Guarabira, não foi diferente, como já discutido. O comércio guarabireense foi, ao lado de seus municípios vizinhos, maquinário que elevou a Vila Independência à condição de distrito e cidade. De modo geral, as espacialidades ao qual nos debruçamos a estudar (Guarabira e Araçagi) desenvolveram-se por meio da produção agrária, do comércio local e vendas para outros municípios, estados do Brasil e alguns países do mundo. Sobre o desenvolvimento de Guarabira, Souza (2018, p. 79) discorre:

Aquele surto algodoeiro dos anos 1920, novamente traz consigo algumas novidades, favorecido pelas arrecadações algodoeiras, empreendeu uma revolução urbanística, à base de praças e jardins, abertura de novas ruas, coretos, edifícios, que canalizou o crescimento das localidades.

As estruturas apontadas pelo mencionado autor se fazem presentes até hoje, muitas já com “roupagem nova”, isto é, reformadas. Porém, ainda permanecem vivas as estruturas históricas, sobretudo as que circundam as adjacências da avenida D. Pedro II, as construções em proximidade da biblioteca municipal e da igreja matriz de Nossa Senhora da Luz, e o próprio mercado público já muito carente de reformas (figura 2) é uma dessas expressões da

passagem do tempo em Guarabira. A imagem abaixo mostra parte das estruturas do mercado do peixe, um galpão ao fundo totalmente demolido e, em destaque, outro galpão ainda com as vigas de sustentação.

Figura 2: Mercado público do peixe após demolição para reforma



Fonte: Ramon Silva Souza, julho de 2023.

Dois dos quatro galpões que compõem o mercado público do peixe em Guarabira estão em ruínas, conforme apontado pelos vendedores daquele local. A gestão municipal, com a promessa de reformar, demoliu tal estrutura e perdura a cerca de meia década neste estado. Além disso, somando as inundações da feira livre, também este espaço do mercado sofre com a presença das águas pluviais, provocando perdas de alimentos e expondo vendedores/as e compradores/as a riscos de contaminação, diminuído os atrativos para os consumidores.

Em relação aos prédios históricos, Pintaudi (2006, p. 84) destaca que “a renovação da cidade de Paris leva à demolição muitos outros mercados”. Esse contexto descrito pela autora não se abstrai, antes, é realidade concreta em nossas cidades, a falta do cuidado, da manutenção e reforma leva às ruínas (literalmente) importantes pontos do desenvolvimento urbano dos nossos municípios.

É notória que a questão dos circuitos de produção apontada por Milton Santos há algumas décadas ainda permanece viva nos nossos dias. Entretanto, com os avanços em técnica, ciência e informação, está atrelado ao mundo do trabalho o emprego de tecnologia e massivas campanhas publicitárias, contexto distinto do início e desenvolvimento das cidades estudadas.

Diante dessas contribuições, Silveira (2013, p. 66) aponta para “a combinação dos fatores de produção no circuito inferior revela a necessidade de encontrar abrigos”. Tais abrigos, majoritariamente, são desprovidos de boa estrutura de comercialização, baixos capitais ou até capitais inexistentes, baixa qualificação e baixa higiene, culminando com a forte influência das formas comerciais mais modernas. A figura 3 ilustra o mercado público de Guarabira.

Figura 3: Mercado público do peixe de Guarabira.



Fonte: Ramon Silva Souza, março de 2023.

Ao fundo da imagem, é possível de identificar *freezers* para acondicionamento de pescados, carnes, frios e laticínios em geral, porém, o estado de conservação desses equipamentos não está adequado, a ferrugem cobre as tampas dos *freezers*, pescados e carnes são expostos ao ar livre, sem cuidados quanto as partículas contidas no ar, animais como gatos e cães, possíveis insetos se fazem presentes no local já que o mesmo conta com os alagamentos.

A questão colocada anteriormente articula dignidade e necessidade: as muitas pessoas que se submetem a essa realidade o fazem pela necessidade de viver, de comer, constitui única fonte de geração de renda e, por isso, não podem se “dar ao luxo” de deixar de frequentar o espaço onde adquirem proventos para sua subsistência. As pessoas que neste local consomem também o fazem pelos preços de alguns produtos, praticados abaixo de supermercados, hipermercados e atacadões. A discussão em questão não é pela defesa de que

deixe de vender e consumir neste e em tantos outros espaços como em Araçagi, mas, pela reforma, ampliação e revitalização deles, além da necessidade de educar a população.

Muitos questionamentos permeiam este campo de pesquisa. Ao adentrar tais espacialidades, vislumbra-se o conhecimento de parte dos feirantes com a realidade constatada, com afirmações do tipo “sempre foi assim, isso não muda, não. Entra prefeito, sai prefeito e nunca muda”. Conforme afirma Maricato (2003, p. 79), “no meio urbano, o investimento público orientado pelos *lobbies* bem-organizados alimenta a relação legislação/mercado imobiliário restrito/exclusão social”. Mediante as colocações, a reflexão versa sobre os investimentos na cidade, que prioriza grupos hegemônicos em detrimento de grupos economicamente desfavorecidos e, desses últimos, evidencia-se os/as feirantes.

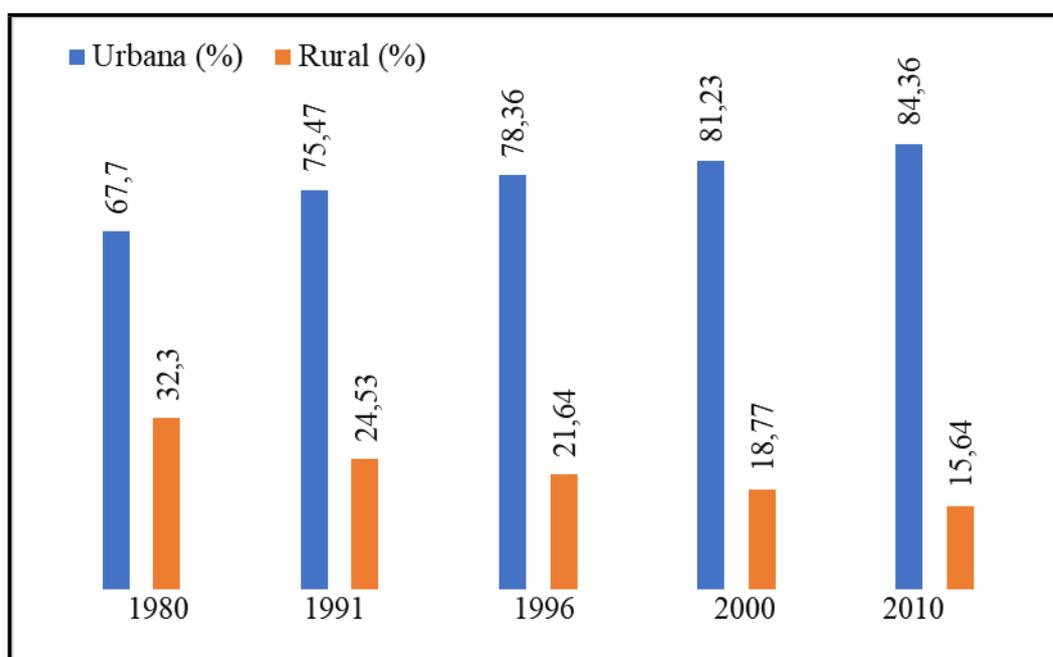
2.3 Campo e cidade: relações que culminam nas feiras livres

Tratamos a relação de convergência entre cidade e campo, na qual possuem forte influência comercial. Araçagi e Guarabira desenvolvem com a zona rural forte influência, sendo as feiras ponto de encontro entre as duas. Moreira (2012, p. 155) assinala que “cidade e campo formam, assim, um par e um contraste na sociedade moderna”, e a agricultura familiar, já muito precarizada e dependente da pluviometria, conta com as feiras como uma das principais formas de escoar os excedentes.

No início da década de 1930 até os anos 2000 e 2010, constatou-se uma crescente migração do campo para as cidades, motivada pelas renovações no campo e cidade, provindos da Revolução Verde. O campo brasileiro desponta como um grande complexo de latifúndios; já a cidade, densamente povoada, conta com inúmeros problemas de ordem estrutural. O Gráfico 1 expressa o êxodo rural vivenciado no Brasil.

Os dados abaixo contabilizam a partir da década de 1980 e, passados mais de 40 anos, observa-se no campo e na cidade os efeitos desse processo: em Guarabira, temos 14.489 domicílios urbanos diante de 1.760 domicílios rurais. Já em Araçagi, observa-se uma dinâmica diferente, cuja concentração de domicílios rurais supera os domicílios urbanos, isto é, são 2.974 domicílios rurais e 2.043 domicílios urbanos, respectivamente (IBGE, 2023).

Como se observa no gráfico 1, em 1980 a concentração da população em zona urbana já era expressiva, contudo, década após década, esses números aumentam, enquanto no campo ocorre o contrário, a população diminui drasticamente. Impressiona que na década de 2010, os domicílios urbanos superam os 80% e a distribuição percentual da população rural oscila em torno de 15%.

Gráfico 1: Distribuição percentual da população por situação de domicílio – Brasil – 1980 a 2010

Fonte: IBGE, Censos Demográficos 1980, 1991, 2000 e 2010, e Contagem da população 1996.

De acordo com Moreira (2012, p. 166), “se no marco geral da civilização a cidade nasce como um fato de geografia urbana e o campo, como um fato de geografia agrária, no Brasil nascem e prosseguem como um fenômeno de geografia política”. Tal afirmação revela o contexto violento em que estes processos se desenvolveram, havendo a importância de a discussão extrapolar os números, a fim de que o debate promova maior entendimento da questão. Desse modo, há de se pensar também na oferta de alimentos de qualidade.

Segundo Marcos (2019), vivemos no Brasil a Revolução Verde, que provocou a mecanização no meio agrário e um consequente êxodo em direção às cidades. Desde então, nesse meio rural/agrícola tem sido empregada uma quantidade muito grande de defensivos agrícolas, fertilizantes, pesticidas etc. A produção é voltada ao mercado internacional, alimentação de rebanhos e grandes redes distribuidoras de supermercados. Distante do agronegócio, está o campesinato, muito presente e visível em municípios pequenos como Araçagi e, nessa lógica de produção, está a subsistência e o excedente voltado ao mercado local (feiras, mercadinhos e mercados públicos).

A autora aponta para a lógica de produção desses dois, o campesinato e o agronegócio, dentro do que a mesma observou, estando o agronegócio preocupado com a obtenção de lucro e o camponês atento às necessidades de sua família. Um continua a produzir mesmo sem a possibilidade de lucro, o outro, no caso, o agronegócio, para sua produção, pois economicamente é inviável. São visíveis massivas campanhas publicitárias em que se passa a

imagem do “agro que é *pop*, agro é *tech*, agro é tudo”. O nosso questionamento é válido a partir das análises de Silva (2018), onde pontua as responsabilidades do Estado em garantir alimento e em qualidade à população. Neste interim, também destaca a falha de tal modo de produção na erradicação da fome.

O conjunto de características que desenha a forma urbana é perpassado por diversos aspectos históricos, econômicos, políticos, sociais etc. Nas facetas que compõem a totalidade da cidade, compreende-se que campo e cidade estão intimamente relacionados conforme aponta Moreira (2012, p. 155): “cidade e campo formam, assim, um par e um contraste na sociedade moderna” e, acrescentamos, que o comércio é da natureza do urbano, sendo assim, no Brasil, para compreender a gênese das cidades, é importante conhecer as peculiaridades do meio rural. Nesta intersecção do rural e urbano estão as feiras livres, dotadas de história, cultura, valores econômicos, políticos, sociais e culturais.

Neste contexto, as cidades, segundo Santos (2008a, p. 105), apesar de suas particularidades, são análogas pois,

com diferença de grau e de intensidade, todas as cidades brasileiras exibem problemáticas parecidas. Seu tamanho, tipo de atividade, região em que se inserem etc. São elementos de diferenciação, mas, em todas elas, problemas como os do emprego, da habitação, dos transportes, do lazer, da água, dos esgotos, da educação e saúde são genéricos e revelam enormes carências. Quanto maior a cidade, mais visíveis se tornam essas mazelas. Mas essas chagas estão em toda parte.

Diante dessa realidade, o foco é dado para o cotidiano, de forma particular, Araçagi e Guarabira e a necessidade de implementação de políticas públicas que solucionem os problemas das cidades, especialmente, esses da qual apresentamos a discussão. A superação destas e tantas outras problemáticas se dá pela necessária fragmentação da dominação do homem por ele mesmo, como nos indica Lessa; Tonet (2008). Tal processo evidencia-se longo e complexo; portanto, deve ser cuidadosamente pensado, articulado, social e politicamente a fim da garantia da qualidade de vida das pessoas na cidade e das que consomem seus produtos e espaços de vida cotidianos.

Dos relatos e realidades observados, verifica-se a urgência na resolução das mais diversas questões pelas quais centenas de feirantes convivem semanalmente e, no caso de Guarabira, diariamente. A figura 04, mostra a feira livre de Araçagi enquanto caía a chuva: a respectiva feira é organizada com caibros e lonas e, com a força dos ventos, estes ornamentos não impedem que as pessoas e também as mercadorias fiquem enxarcadas. Como se observa na figura 4, o seu horário de funcionamento é mais restrito, se aproximava do meio-dia e a situação da feira é a ilustrada abaixo, com grande parte das bancas já desocupadas.

São questões que permeiam o seu tamanho e dinâmica; fazendo com que cada um desses espaços possua suas próprias particularidades. São hábitos, costumes, culturas, e produtos que tornam esses espaços singulares.

Figura 4: Feira de Araçagi em momento de chuva



Fonte: Ramon Silva Souza, julho de 2022.

Em Guarabira, a realidade não é diferente: Ao chover, as ruas se tornam “rios”, revelando a importância da promoção de políticas públicas eficazes. Como destacou Silveira (2013), o conjunto de fatores do circuito inferior revela a necessidade de encontrar abrigos: tais abrigos são as políticas públicas a serem implementadas nestes espaços, refletindo no ganho de qualidade de vida e qualidade dos alimentos que as populações consomem.

3 OS ESPAÇOS DE COMÉRCIO E CONSUMO DE ARAÇAGI E GUARABIRA: problemas e perspectivas

Nas feiras frequentadas durante o período de pesquisas, foi possível notar a presença da ordem e do caos ao mesmo tempo, alguns setores limpos e organizados, outros misturavam sujeira e desorganização. As feiras livres são espaços repletos de questões que necessitam de maior atenção, porém, possuem grandes possibilidades, perspectivas para o crescimento e desenvolvimento. Desse modo,

as formas comerciais, são, antes de mais nada, formas sociais; são as relações sociais que produzem as formas, que ao mesmo tempo, ensejam relações sociais. Analisar as formas comerciais, que são formas espaciais históricas, permite-nos a verificação das diferenças presentes no conjunto urbano, o entendimento das distinções que se delineiam entre espaços sociais dão ensejo à análise das diferenças (PINTAUDI, 2007, p. 145).

Como mencionado no início dessa seção, esta parte do texto versa sobre os problemas da pesquisa que foram encontrados nas espacialidades estudadas e perspectivas de um usufruto menos desigual nas respectivas cidades. Como a autora mostrou, a sociedade é que promove o comércio, são as pessoas que produzem as trocas, conforme se desenvolvem, aprimoram suas técnicas, ciências e, com a informação, alavancam suas vendas como aponta Santos (2008c, p. 36): “trata-se da informação e do consumo – a primeira estando a serviço do segundo –, cuja generalização constitui um fator fundamental de transformação da economia, da sociedade e da organização do espaço”. Ainda sobre a informação, Santos (2008c, p. 47) diz que a atividade do circuito superior é,

em grande parte, baseada na publicidade, que é uma das armas utilizadas para modificar os gostos e deformar o perfil da demanda. No circuito inferior, a publicidade não é necessária, graças aos contatos com a clientela, e tão pouco seria possível, já que a margem de lucro vai diretamente para a subsistência do agente e de sua família.

As colaborações dos/as autores/as mencionados/as dialogam com a questão treze do questionário utilizado, quando perguntado sobre o uso de ferramentas de divulgação, as respostas majoritariamente foram não; os/as poucos/as que fazem divulgação, fazem por meio de plaquetas presas em pedaços de madeiras, por meio de redes sociais, as quais *Instagram*, *Facebook* e *Whatsapp*. Dizem que sentem seus efeitos, é necessário destacar o contexto do mercado cada vez mais competitivo e, assim, as ferramentas de divulgação para os/as pequenos/as comerciantes têm sua importância.

Guarabira e Araçagi compartilham nas suas dinâmicas, um processo parecido: o crescimento horizontal, em que ambas têm ganhado área urbana, se comparadas às imagens

do *Google* de alguns anos, esse processo se evidencia e o quadro 2 mostra a área total e a área urbanizada; já a figura 05 mostra a cidade de Guarabira a partir da Serra da Jurema. Na fotografia, é possível visualizar a cidade que avança por áreas antes constituídas por vegetação e a horizontalização da cidade contribui para a impermeabilização do solo: no caso desta última, favorece o escoamento superficial para as áreas mais baixas que, neste caso, é o centro, aliado ao deficitário serviço de escoamento das águas pluviais, promovendo as inundações na feira e nas áreas adjacentes.

Quadro 2: Comparação Araçagi e Guarabira.

Cidades	Araçagi	Guarabira
Área total (2022)	232,177 km ²	162,387 km ²
Área urbanizada (2019)	3,83 km ²	9,43 km ²

Fonte: IBGE, 2023.

A figura 5, como já mencionada, foi registrada com a perspectiva de ter um plano horizontal da cidade, a possibilidade de lançar reflexões e problematizações sobre a organização do espaço estudado. Como é possível observar na imagem, os espaços descampados dão lugar a novas edificações por meio de loteamentos.

Figura 5: Guarabira a partir da Serra da Jurema

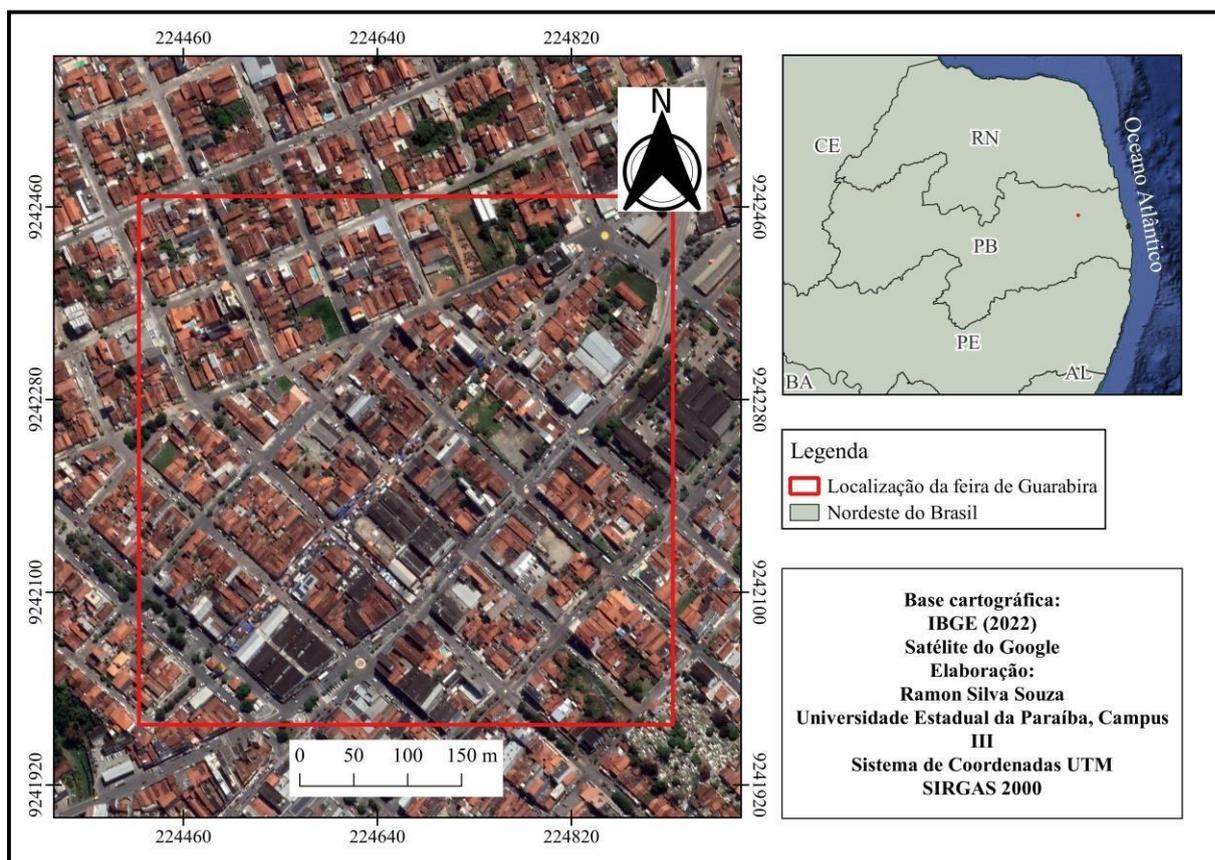


Fonte: Ramon Silva Souza, junho de 2023.

A fotografia, mostra o aglomerado urbano da cidade de Guarabira, onde residem quase sessenta mil habitantes. É na cidade que, segundo Le Goff (1998, p. 25), concentram-se “os

prazeres, os da festa, os dos diálogos na rua, nas tabernas, nas escolas, nas igrejas e mesmo nos cemitérios”, uma espacialidade como a da foto, e no caso de Araçagi que teve diminuição na sua população, tem no comércio o “motor” da economia. O mapa 3 detalha a área de estudos em Guarabira, neste caso, a feira livre.

Mapa 3: Localização da feira livre de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza (2023), adaptado de IBGE (2022) e Base de dados satélites do Google

É na área do polígono onde se localiza a feira livre, especificamente, na rua onde observa-se as barracas em lona coloridas em azul, laranja, branco e preto. Não há área específica/exclusiva para a feira, ou seja, ao longo dos anos este espaço foi apropriado pelos/as feirantes. Em Guarabira, por exemplo, como mostrado no mapa e nas imagens subsequentes, os/as comerciantes e compradores/as dividem espaço com animais, entulho, resíduos sólidos, veículos e carroceiros (pessoas que carregam em carrinhos de mão compras e mercadorias diversas para compradores/as e vendedores/as), traz uma série de prejuízos à dinâmica da feira livre, dentre os quais riscos de contaminação, acidentes e problemas ao fluxo dos transeuntes.

As espacialidades estudadas apresentam características que revelam que as pessoas do sexo masculino são maioria, são desigualdades enraizadas na sociedade e reproduzidas no

ambiente das feiras. No geral, o homem era o “chefe” do ponto de comércio e a mulher lhe auxiliava nas demandas da feira, o público entrevistado nas duas feiras estão expressos no quadro 3, o período de pesquisas coincidiu com a temporalidade em que as prefeituras e suas respectivas secretarias de urbanismo realizavam novos levantamentos (recadastramento) dos feirantes, estando os dados atualizados.

Quadro 3: Sexo dos entrevistados

Sexo	Feminino	Masculino
Araçagi	14	31
Guarabira	103	121

Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

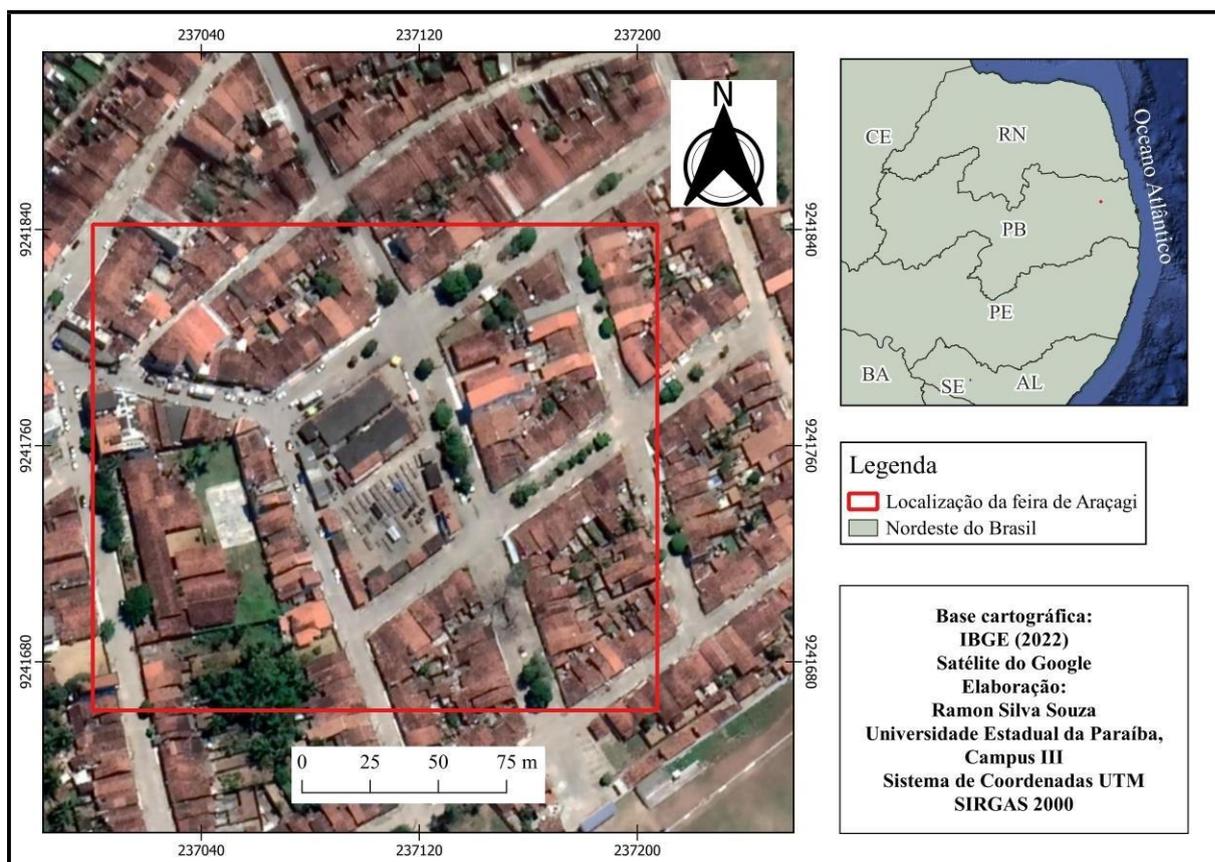
Na feira livre de Araçagi, é notória a existência de dois galpões (mapa 04) que funcionam como mercado público. Ambos destinados ao comércio de carnes, aves e grãos, essas estruturas abrigam também os bancos de madeira da feira livre que se localizam ao lado dos mesmos (galpões). A cidade em questão não possui uma ordem de crescimento, as residências margeiam o rio que passa ao sul da cidade, carregando em seu leito dejetos urbanos.

A organização do espaço da feira livre de Guarabira se dá pela participação de feirantes, tanto de sua zona urbana e rural, mas, também, de municípios vizinhos, como as pessoas que vêm de Guarabira, cujo mapa 4 ilustra o quadrante onde se localiza a feira e o mercado público em seu entorno.

No caso desta última cidade mencionada, há a prevalência da geração de um montante de resíduos sólidos e orgânicos, que preocupa sobre a quantidade produzida e o destino final que recebe. Menezes; Freitas; Pedrosa (2022, p. 68) discutiram a problemática da “geração de resíduos dos mais variados tipos, com destaque na questão de maior volume, aos resíduos orgânicos, constituídos das cascas e restos de frutas e verduras”.

Assim, é importante considerar o destino final desses resíduos, onde poderiam receber melhor aproveitamento do que ser destinado ao aterro sanitário do município. Referimo-nos à compostagem, que diminuiria os impactos ambientais, geraria renda e seria tirado melhor proveito desses restos de vegetais. Considerando que nada se perde, mas se transforma, enxergamos as feiras e mercados como possibilidades de usos que impactem mais positivamente que negativamente, não se observando apenas os problemas, mas, também, suas perspectivas, possibilidades de crescimento e desenvolvimento.

Mapa 04: Localização da feira livre de Araçagi



Fonte: Ramon Silva Souza (2023), adaptado de IBGE (2022) e Base de dados satélites do Google

Em relação à organização da feira e mercado público de Guarabira, Rocha Júnior (2014) aponta importantes transformações na morfologia urbana guarabirense, sendo a feira primeiro localizada no Adro da igreja matriz Catedral de Nossa Senhora da Luz. Ao longo dos anos, é deslocada para as proximidades da praça D. Pedro II e, por fim, migrando para o atual local, no entorno dos mercados públicos, ambos localizados paralelos a rua Padre Inácio de Almeida, principal “artéria” da cidade.

Além disso, Rocha Júnior (2014) identifica a existência de uma lagoa, onde hoje se localiza a praça D. Pedro II, outrora aterrada pelo mau odor que expelia dos inúmeros dejetos nela despejados. O lugar que naturalmente recebia as águas das chuvas fora aterrado. Na atualidade, a cidade carece de boas obras de drenagem pluviais acumula registros de alimentos, na feira, na praça em questão e mercado público. De acordo com Souza (2018, p. 47-48), quando fora restaurado o cargo de prefeito,

foi escolhido o ilustre senhor Manuel da Silva Simões da então povoação de Cuité para administrar Guarabira. Sendo o mesmo nomeado em 1905 tendo ficado à frente daquela prefeitura municipal até o ano de 1909. O qual teve como maior preocupação aterrar a então lagoa central da cidade, já que o impudismo atacava a população e o mosquito infectava as suas águas.

A povoação de Cuité refere-se à atual cidade de Cuitegi, existia uma relação muito forte entre os municípios de Guarabira, Araçagi, Cuitegi e tantos outros, especialmente Cuitegi, uma vez que parcelas dos prefeitos que administraram a Cidade de Guarabira eram de lá. Já a palavra impaludismo, corresponde a doença da malária, cujas águas paradas e contaminadas contribuía para a propagação dessas pragas.

O evento mencionado (aterro da lagoa) acontece como resposta ao problema do mau odor e das arboviroses da qual a mesma funcionava como criatório de mosquitos. Uma outra organização desse espaço contribuiria para um ambiente mais vistoso (agradável ao olhar), bem como confortável (caso ainda houvesse a lagoa). A figura 6 mostra o centro da cidade de Guarabira, local da antiga lagoa, a praça se estende até a avenida Pe. Inácio de Almeida.

Figura 6: Centro de Guarabira, praça D. Pedro II



Fonte: Ramon Silva Souza, outubro de 2023.

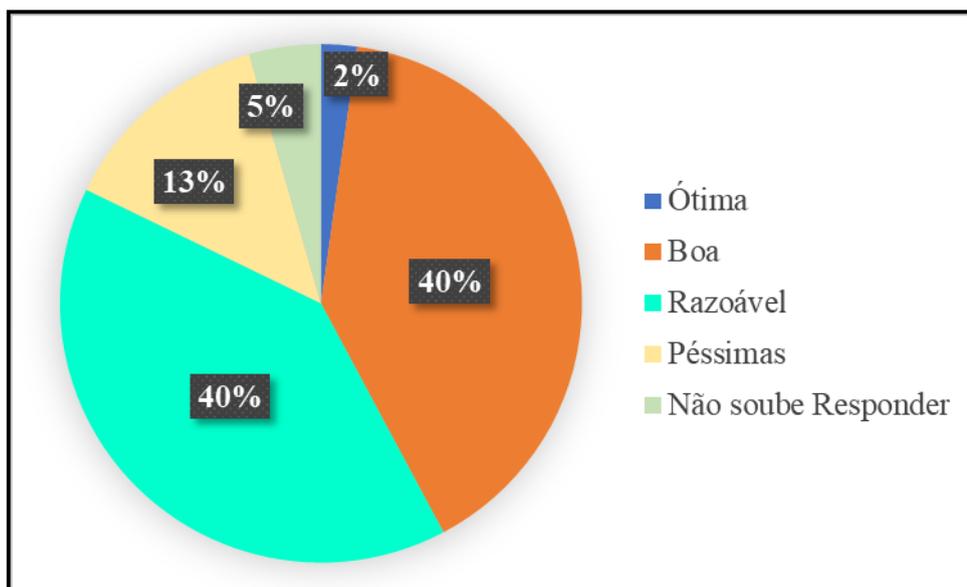
Os declives associados aos resíduos sólidos e a falta de boa drenagem pluvial, proporcionam os alagamentos. As árvores ao fundo, se estendem até a haste da bandeira, é onde se localiza a praça, local que existia a lagoa. Durante as pesquisas, foi perguntando em Araçagi e

Guarabira sobre as condições de higiene das feiras, os feirantes expressaram em ótimo, bom, razoável, ruim ou péssimo, os resultados estão dispostos nos gráficos 2 e 3.

De acordo com Macena (2020, p. 25), “os mercados ajudam a combater doenças relacionadas aos hábitos alimentares, como a obesidade, pois proporcionam acesso a alimentos saudáveis e frescos”. As realidades se distanciam cada vez mais da afirmação, uma vez que o cuidado com a higiene e a procedência dos alimentos acabam por não terem o devido cuidado. Além disso, a inserção cada vez maior de alimentos provindos do agronegócio e industrializados colocam em risco a saúde das pessoas.

Como afirma Macena (2020, p. 25), “por serem espaços ativos que reúnem pessoas e atividades diversas, podem ajudar na redução dos problemas causados por isolamento social e depressão”, revelando a importância desses espaços e comprovando sua natureza que está para além do puro e simples comércio, mas a socialização de ideias, conhecimentos e artes diversas.

Gráfico 2: Higiene da feira livre de Araçagi



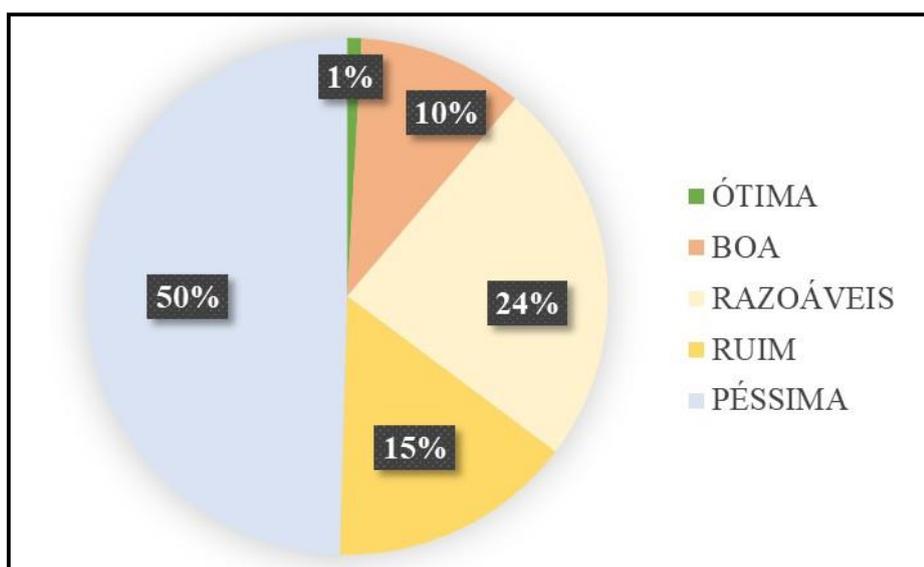
Fonte: Ramon Silva Souza, 2023.

No caso de Araçagi, a feira está situada em aclave, as águas pluviais escoam para dentro do Rio Araçagi (o rio em questão serve como limite municipal entre Guarabira e Araçagi) que margeia a cidade e segue seu fluxo até a barragem do município (Barragem de Aruá). Portanto, a feira não chega a alagar como no caso de Guarabira. Nessa cidade, o aterro da lagoa, associada à não execução de corretas obras de drenagem, resulta nas realidades expostas.

Os estudos de Menezes; Freitas; Pedrosa (2022) mostraram que o tema de pesquisa correlato às feiras livres são de fundamental importância; as autoras apontam para as condições higiênico-sanitárias das feiras, responsáveis pela disseminação de doenças, no caso mais recente, verifica-se o Corona vírus que impactou a sociedade de forma mais intensa em 2020 e 2021. Menezes; Freitas; Pedrosa (2022) apontam ainda para a baixa quantidade de investigações voltadas para a temática das feiras, em suas análises, que versam sobre as feiras da Região Nordeste, entre os nove estados da Região, foram encontradas pesquisas em apenas cinco Unidades Federativas UF.

Dessa forma, chama-se atenção para a baixa quantidade de pesquisas voltadas às feiras livres, revela a falta de interesse pela temática. As feiras ofertam uma gama de possibilidades, constitui um laboratório de pesquisa à céu aberto, pode-se mencionar temas correlatos à geografia da saúde, meio ambiente, economia, direito, urbanismo, dentre tantos outros prismas não apenas únicos à ciência geográfica mas, também, compartilhados com outras ciências.

Gráfico 3: Higiene da feira livre de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, 2023.

As condições de higiene refletem diretamente na migração da população para formas comerciais mais modernas. Diante de uma sociedade cada vez mais demandante de ciência e informação, a clientela busca locais que ao menos aparentam ter as mínimas condições de higiene necessárias para a saúde e o bem-estar. Quando perguntado aos feirantes sobre a estrutura da feira livre, as respostas variavam muito, mas predominavam as adjetivações de: desorganizada e suja, revelando a necessidade que o espaço possui da atenção do setor

público, para o planejamento e execução de ações em torno da feira e mercado, tudo isto colaboraria para o maior e melhor “andamento” das atividades nestas espacialidades.

3.1 Dinâmicas das feiras livres e mercados públicos: estruturas, fluxos, conjunturas e resistências na contemporaneidade

De acordo com Carlos (2007a, p. 27) a “universalização das trocas aproxima países e aprofunda a divisão espacial e internacional do trabalho, dentro de uma relação de dependência entre territórios nacionais dentro da formação econômica e social capitalista”. A conjuntura discutida pela autora não se restringe apenas às escalas nacional e global, como foi mencionado outrora. O cenário influi, também, em escala local, contribuindo com os fluxos entre mercados distintos (circuitos). Por outro lado, ocorre a dependência por cidades constituídas de comércio e serviços pujantes, como foi discutido anteriormente sobre os fluxos de Araçagi e demais municípios para Guarabira.

Pensando nisso, o quadro 4 abaixo tem como objetivo representar a dinâmica/fluxo da clientela das feiras livre de Araçagi e Guarabira, em busca de novos espaços de comércio que, no caso de Araçagi, tem seu fluxo direcionado ao mercado de Guarabira. Majoritariamente, nos dois municípios, os feirantes alegam que os fregueses têm deixado de comprar na feira estudada, no caso de Araçagi, a taxa chega a oitenta por cento e em Guarabira um pouco mais abaixo, já que parte dos feirantes afirmam que seus clientes são fixos, gostam da cultura da feira e não deixam de frequentá-la. A sigla NSR corresponde a não soube responder aos questionamentos da pesquisa.

Quadro 4: Migração da clientela

ARAÇAGI			GUARABIRA		
SIM	NÃO	N.S.R.	SIM	NÃO	N.S.R.
36	9	0	142	72	10
80%	20%	-	63,3%	32,1%	4,4%

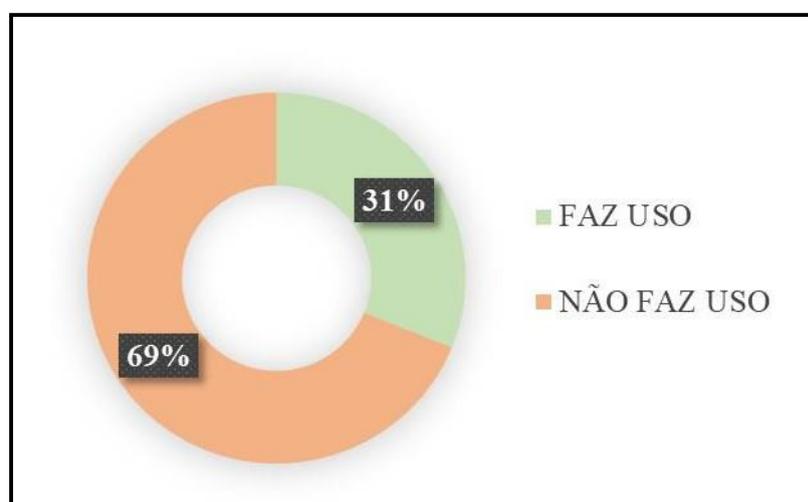
Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

Santos (2008b) aponta para a universalização dos modelos de vida social, isto é, do trabalho, das técnicas, do consumo, alimentação etc. Assim ocorre com os espaços estudados em que, existindo formas comerciais que ofertam comodidades, as feiras e demais formas sentem a grande concorrência pela clientela. Destaca-se, também, que, na atualidade “o que não é mundializado é condição de mundialização”. Assim argumentou Santos (2008b, p. 16)

em relação aos padrões que a sociedade tomou e toma em sua organização política, econômica e social.

Sendo assim, trata-se de discutir os problemas voltados aos espaços econômicos de Araçagi e Guarabira. Nos moldes do que o mencionado autor propõe, foi observado que as feiras livres estão susceptíveis a essa universalização/mundialização, através da adesão dos produtos fundamentais ao comércio na atualidade: ciência, tecnologia e informação. Nunca foi tão atual quanto na contemporaneidade o jargão popular “a propaganda é a alma do negócio”. Em relação aos tópicos tratados, foi perguntado aos feirantes das duas cidades quanto ao uso dos meios de divulgação. Os resultados estão dispostos a seguir:

Gráfico 4: Uso de propaganda pelos feirantes de Araçagi.



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

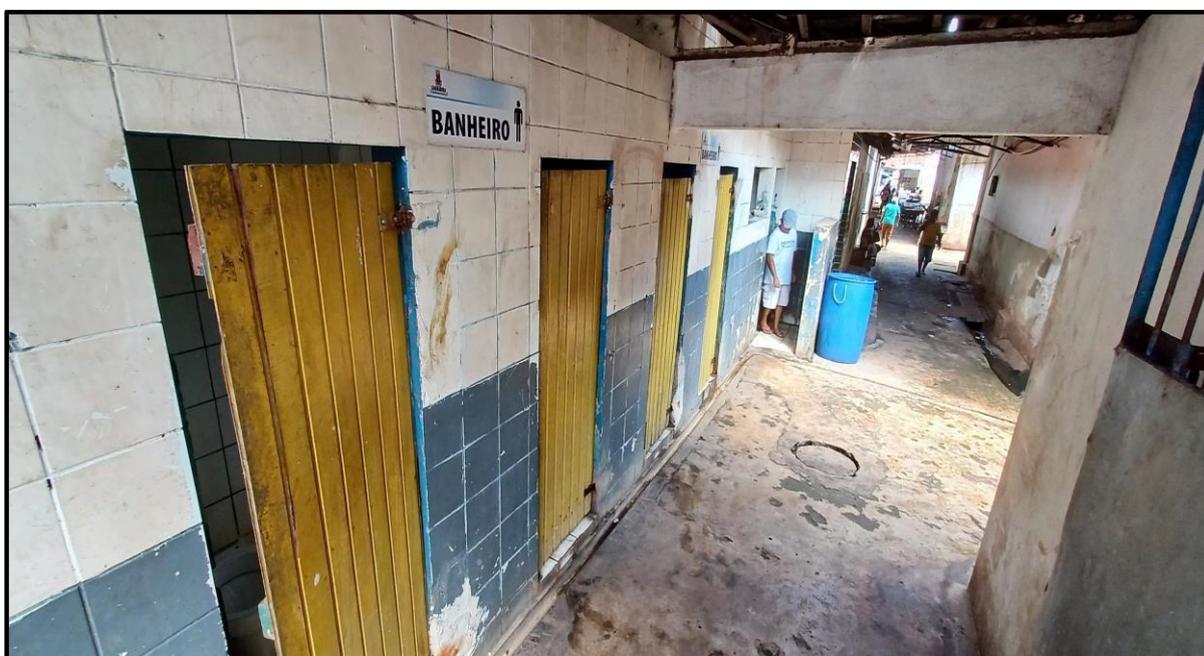
Em Guarabira, a baixa quantidade de respostas para esta questão inviabilizou a confecção de gráfico. Contudo, o que se observa é que a dinâmica é análoga a de Araçagi, onde a maior parte dos/as feirantes não dispõe do uso de ferramentas de divulgação. Relacionando os escritos de Santos (2008b, p. 17), “há muitos que creem numa espécie de determinismo tecnológico”, o mundo atual demanda tecnologia, no trabalho, nos serviços, comércios etc. É quase impossível pensar numa sociedade onde a tecnologia não faça parte dos seus hábitos e dinâmicas. Os feirantes e demais comerciantes em sua maioria, são pessoas desagregadas dessa aldeia global.

Essas são questões importantes e, ao mesmo tempo, preocupantes: se o conjunto das tecnologias e técnicas existentes hoje são fundamentais para o bom andamento do comércio e as formas tradicionais não dispõem desses meios, logo, estão participando de uma concorrência desleal, junto aos supermercados e atacadões, através de todas as facilidades que

oferecem. Qual caminho então para tornar menos desigual e menos excludente essas dinâmicas entre esses dois grandes grupos?

Em resposta à questão posta anteriormente, um bom começo se dá pelo investimento em reformas/revitalizações e ampliação. As realidades encontradas nos espaços das feiras são preocupantes e a figura 7 ilustra parte dessas complicações, não se tratando apenas de preocupações puramente paisagísticas, harmônicas, mas a higiene, a segurança sanitária ainda muito precárias. Considera-se o quadro capitalista em que a sociedade atual vive, se essas formas ainda resistem às diversas transformações, é por terem encontrado o caminho da adaptação.

Figura 7: Banheiros do mercado público do peixe



Fonte: Ramon Silva Souza, maio de 2023.

A imagem mostra os banheiros masculinos em sua parte externa; mais ao fundo, há uma área que funciona como mictórios, nas portas amarelas, acesso aos vasos sanitários. São espaços que apresentam poucas ou nenhuma intervenção do poder público, mesmo havendo funcionários que buscam manter a limpeza do local, a estrutura é favorável a contaminação e disseminação de doenças.

Conforme Santos (2009, p. 103), “o espaço são essas formas mais a vida que as anima”. Desse modo, a compreensão está galgada em formas não estáticas, cujas espacialidades possuem toda uma dinâmica que as tornam singulares, permitindo assim a

reprodução de costumes diversos. Entende-se, assim, que o espaço na atualidade ganha novos usos, novas apropriações, torna-se mercadoria, é notado também como abstração, desse modo,

o que há de novo é a necessária dialética do espaço, que inclui conceber a realidade e as representações do espaço como ingredientes de uma economia dinherária, envolvendo a produção do espaço abstrato e sua mercantilização; sobre a cidade, neste sentido, concebemos a urbanização crítica (DAMIANI, 2020, p. 94).

Assim, se faz pertinente acrescentar que a produção do espaço nos moldes que se observa na atualidade se dá na medida em que o espaço é também produto, um padrão tipicamente capitalista. As cidades são palcos da realização da vida urbana, espacialidades das quais se podem encontrar senão de tudo, quase tudo, são espaços da contradição, no mesmo contexto onde existem grandes redes de varejo, ou grandes supermercados, existem nas suas imediações pequenos vendedores que dependem do pouco lucro adquirido para seu sustento e sustento de sua família.

Nesses espaços, quando perguntado aos/as vendedores/as sobre a estrutura de comercialização, foram obtidas respostas das quais a entrevistada I (50 anos) classifica como “desorganizada”. A colocação acima, reflete as condições pelas quais enfrentam vendedores/as e consumidores/as. As discussões de Diniz (2004), revelam as práticas de consumo tradicionalmente construídas, no entanto, decorridos cerca de 20 anos, novos elementos integram o debate sobre o comércio hodierno, onde se verifica, o surgimento e expansão das redes varejistas e atacadistas em cidades de menor porte, destacando-se as redes de super e hipermercados, postos de gasolina, farmácias, academias, faculdades, etc.

De acordo com Bernardino (2015), as feiras são espaços multiculturais, atendem a públicos diversos que possuem variadas necessidades, onde se compra, vende, passeia ou conduz. Assim, nas palavras da autora “a feira é lugar de todos os públicos, pois consegue atrair e atender pessoas de diferentes idades e gêneros” (BERNARDINO, 2015, p. 87), as espacialidades das feiras possuindo tal nível de complexidade constituem espaços heterogêneos.

Como observado, as feiras e mercados públicos ultrapassam o limite do simples funcionamento do comércio é, antes de tudo, tradição enraizada na cultura popular e, sobretudo, na Região Nordeste, a figura 8 mostra um pouco do que se pode encontrar no espaço do mercado público de Guarabira. Das mercadorias, as mais abundantes são constituídas por cereais onde se observa diversos tipos de grãos, entre eles, feijões, fava, milho etc. Muitos desses produtos não são produzidos pelos/as próprios/as vendedores/as, mas, como já colocado em outros momentos, são adquiridos por meio de atravessadores/as.

Figura 8: Interior do mercado público de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, maio de 2023.

A figura 9 destaca o espaço do mercado público de Araçagi, onde, com sua dinâmica movimentada a economia local através de sua variedade de produtos e, influenciada por Guarabira, desenvolve fluxos cotidianos entre pessoas, mercadorias e serviços. Na imagem, destaca-se a venda de frango abatido; além disso, observa-se o seu tamanho, comportando poucas pessoas e a oferta de poucos produtos.

Ao olhar para uma imagem assim, se nota o envelhecimento e deterioramento dos equipamentos públicos de consumo. Silva (2019) quando se dedicou aos estudos dos hábitos de comércio em função do *shopping* Cidade Luz, notou que seus respondentes não observavam o enfraquecimento do comércio em razão do equipamento urbano estudado; contudo, hoje além do *shopping*, existem redes de supermercados, vendas em varejo, que na ótica dos comerciantes das feiras e mercados, influenciam pela forma e quantidade de produtos e serviços que ofertam. Dessa forma, observa-se que a existência de equipamentos urbanos como os *shoppings* e atacadões influenciam diretamente nos hábitos de consumo da população.

Uma observação minuciosa e criteriosa da figura 9 permite identificar algumas fragilidades, entre elas: a exposição inadequada das aves, ao fundo da imagem se nota que o mercado além de abrigar os comerciantes, reúne também muito material velho, entre eles, se encontram ferragens, madeiras e plásticos empoeirados, geralmente utilizados na feira ao

lado. Essa realidade expõe a necessidade de almoxarifados e de uma estrutura exclusiva aos comerciantes com suas mercadorias devidamente refrigeradas.

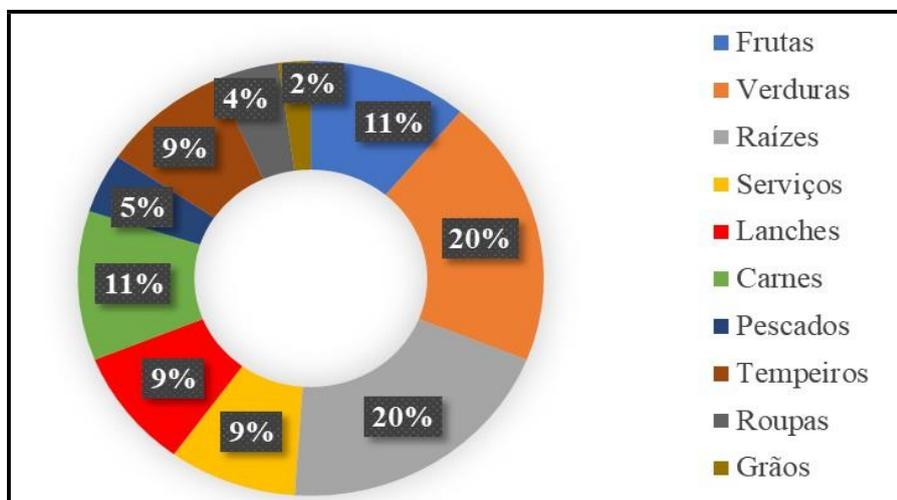
Figura 9: Mercado público de Araçagi



Fonte: Ramon Silva Souza, junho de 2022.

Em Araçagi, através da feira livre e mercado público foi possível encontrar grande variedade de produtos e serviços locais representados pelo gráfico 5. O conjunto de imagens e gráficos correlatos ao comércio araçagiense, demonstram o contexto das pequenas atividades comerciais daquele espaço. Além disso, notou-se o constante fluxo com Guarabira, afirmado por alguns transeuntes, são fregueses/as que costumam se deslocar à cidade vizinha, motivados/as pelos preços e maior oferta de produtos e serviços.

Gráfico 5: Tipo de produto comercializado na feira de Araçagi



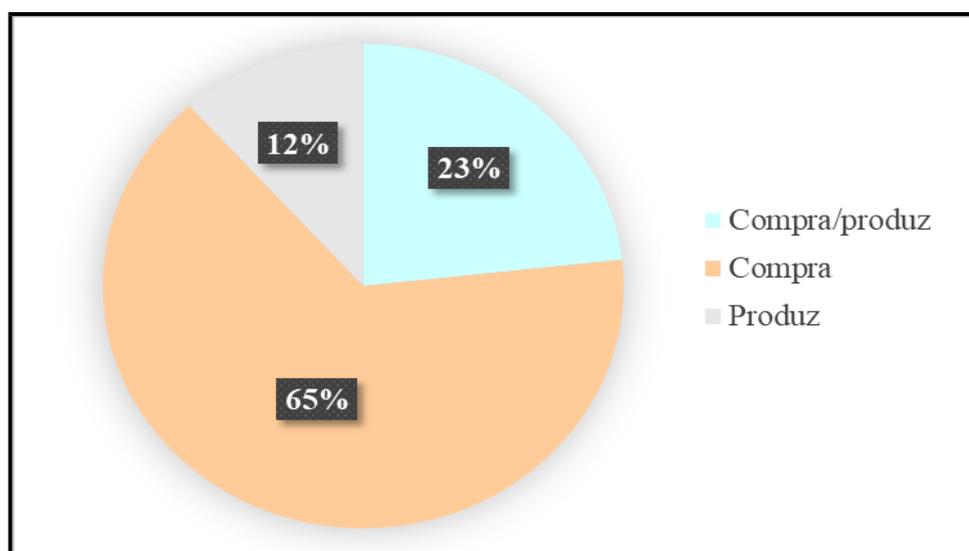
Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Dos que comercializam em Araçagi, 85%, moram no município em questão, os outros 15% possuem residência em Guarabira. Dos produtos apresentados no gráfico acima, a maior parte é provinda da compra para revenda, isto é, 65% (gráfico 6). A proporção de pessoas ocupadas unicamente com a feira é de 53%, enquanto outros 47% necessitam de complemento de renda. Assim os dados revelam, que a rentabilidade com a pequena atividade comercial já não é mais suficiente para viver, havendo a necessidade de desenvolver outros trabalhos para o complemento de renda.

Ainda em relação a Araçagi e seu contexto, somam-se escolaridade e o perfil do público entrevistado. Sendo assim, no município araçagiense a média de idade entre os homens é de 42 anos e, entre as mulheres, a média é de 40,9 anos. Esse público tem, em média, 4,6 filhos, e começou a trabalhar na feira em média com 19,2 anos. Entre feira e o comércio de porta em porta, os/as feirantes trabalham em média 2,9 dias por semana. Os dados expressos sobre o contexto de comércio e consumo em Araçagi são distintos dos de Guarabira, onde, no caso desta última, o conjunto entre feira e mercado público, oferta à população produtos e serviços aos sete dias da semana.

A problematização e a argumentação em torno dessas especificidades expõe que as atividades comerciais são essencialmente vinculadas ao urbano, ou seja, é da natureza das cidades; tudo isso, nos confere a oportunidade de elencar a importância das atividades comerciais nos espaços estudados para a reprodução da vida, como frisou (PINTAUDI *et al*, 2015).

Gráfico 6: Natureza dos produtos comercializados em Araçagi

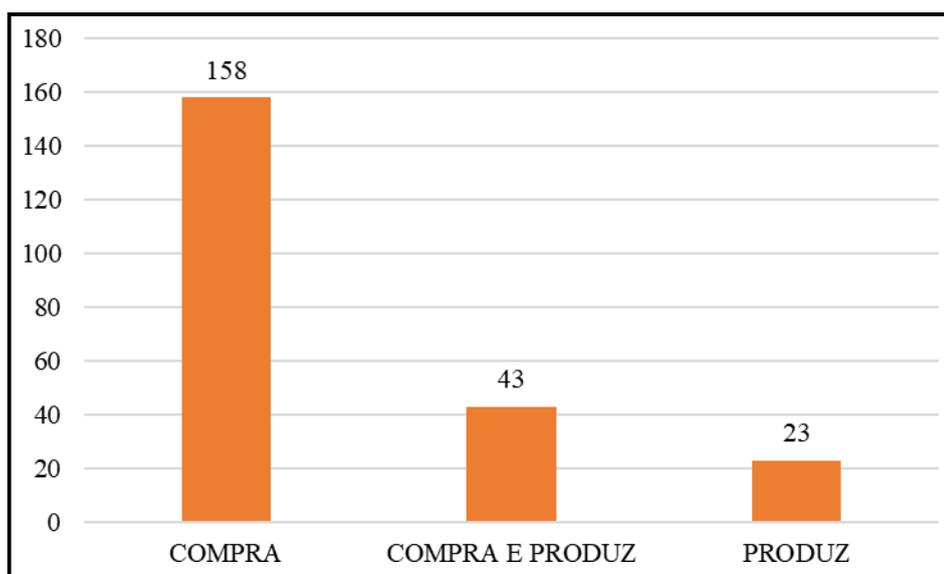


Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Conforme ilustrado acima e mencionado anteriormente, o gráfico 7 traduz as respostas obtidas em campo revelando um aspecto importante: a prevalência de atravessadores/as, estes/as atuam intermediando o comércio entre o/a produtor/a e o/a consumidor/a final. A existência dessa modalidade de trabalho encarece os produtos para os/as consumidores/as e diminui a renda do/a produtor/a rural. Há algumas décadas, prevalecia a compra direta com os/as camponeses/as, as negociações se davam sem intermédio.

Já em Guarabira, pensando no circuito de produção, distribuição, venda, consumo e descarte, elaboramos o gráfico 7. O mesmo revela que a origem dos produtos comercializados em Guarabira são adquiridos externamente, tornando os/as feirantes e demais comerciantes, em sua maioria, atravessadores. Esse contexto não permite a compra direta, isto é, o consumidor final não conhece quem de fato produziu, gerando desconfianças quanto a qualidade dos alimentos.

Gráfico 7: Origem dos produtos da feira livre de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, 2023.

Dos/as que produzem e vendem seus alimentos, são apenas 23 pessoas, já 43 feirantes comercializam de forma mista, comprando para revenda e, também, produzindo. São pessoas que dependem da estação chuvosa, portanto, seus produtos dependem da época do ano com maior precipitação. A falta de recursos financeiros dessas pessoas faz das mesmas dependentes unicamente das condições meteorológicas, uma vez que não possuem insumos para a irrigação, análises e correções de solo, técnicas de plantio, manejo e colheita. Desse

modo, para manter as atividades nas feiras pesquisadas, precisam comprar para revender, a fim de manter a sobrevivência da família.

O conjunto de problemáticas abordadas é de ordem estrutural, trata-se de uma conjuntura que envolve: cultura, higiene e estrutura. Pensar soluções para espaços heterogêneos como as feiras e demais espaços tradicionais de comércio e consumo, requer discuti-los por diversos ângulos, a fim de abarcar o maior número de elementos possíveis. A expectativa consiste na tomada de consciência dos governos por meio desses estudos, assim, possam promover ações através de políticas públicas para os espaços de feiras e mercados públicos.

Mesmo existindo grandes redes de supermercados, atacadões, *shopping center*, as feiras e mercados públicos, não perdem sua importância comercial, movimentam o comércio local, geram renda e empregos (temporários ou não), a figura 10 mostra parte do mercado público de Guarabira, em suas estruturas, feirantes, transeuntes e seus produtos comercializados.

Figura 10: Mercado público de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, junho de 2023.

Falamos em estrutura anteriormente: a imagem anterior ilustra as condições estruturais dos espaços pesquisados, não apenas este aspecto mencionado, mas, também, a variedade de produtos comercializados, entre eles, legumes, queijos, rapadura, mel de abelha etc. Salta aos olhos a falta de organização quanto ao posicionamento dos vendedores, tubulações enferrujadas, paredes descascando (ver também a figura 11). São espaços importantes e

precisam ser mantidos, reformados, pois, além de ser o meio de vida dessas pessoas, é dotado de afetividades.

Figura 11: boxes do mercado público de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, junho de 2023.

Na figura 10, os rostos das pessoas, em sua maioria, foram desfocados, a fim de preservar a identidade. Nota-se, na imagem, a lotação do corredor do mercado do peixe por bancas e vendedores/as, eles/as explicaram que essa quantidade de pessoas com bancas nos corredores se deu pela derrubada do galpão ao lado, quando a gestão municipal há alguns anos, prometera reformar as dependências do mercado; contudo, ficou apenas na promessa e a obra inacabada até os dias atuais.

4 CONTRASTES ENTRE AS FEIRAS E COMÉRCIO DE GUARABIRA E ARAÇAGI: ABORDAGENS E POSSIBILIDADES

Não raro, a palavra espaço é retomada no decorrer deste texto, ele tem sido a principal categoria de análise da geografia ao qual se considerou nestas pesquisas. Assim sendo, o espaço, segundo Corrêa (2008, p. 25), é o “locus da reprodução das relações sociais de produção”. O entendimento decorrente dos estudos é que espaços como as feiras livres de Araçagi e Guarabira possuem toda uma dinâmica, realizações e costumes que são típicos de feiras livres, ainda mais do âmbito estudado.

São rugosidades⁴ que ajudam a entender os processos que se sucederam nesses espaços, aliados aos estudos bibliográficos e atividades de campo, revelam suas histórias, representações e transformações. Com isso, o conjunto de elementos já mensurados anteriormente, imprime o panorama com que lidam dezenas e centenas de trabalhadores/as informais nas feiras pesquisadas, passa pelos/as trabalhadores/as carroceiros/as, trabalho infantil, organização familiar, contratação de funcionários/as sem registro formal, contaminação com as águas sujas etc.

Os objetos estudados são fixos e fluxos, fluxos presentes nos fixos. Instalados nos fixos, os fluxos remodelam não somente a si próprios, mas também os fixos (SANTOS, 2009). De acordo com Lefebvre (1976, p. 34 *apud* CORRÊA, 2008, p. 26), o espaço “estaria essencialmente vinculado com a reprodução das relações (sociais) de produção”. Mediante os aportes destacados, entende-se que os espaços de vida e trabalho são formas cotidianas dos/as trabalhadores/as das feiras, que diariamente estão imersos em realidades com as quais objetivam melhoras em variados aspectos.

Dessa maneira, considera-se Diniz (2012), ao argumentar que, no pequeno comércio, prevalece a compra guiada/orientada pelo/a vendedor/a; não acontece apenas a compra, mas outros serviços, também são prestados no ato de comprar e vender. Já com outras formas comerciais predomina o autosserviço, ou seja, o processo se dá diretamente via prateleira, sem tantas socializações e trocas culturais como ocorre com as feiras.

Contudo, essa cultura vem se enfraquecendo, sobretudo, com o advento das grandes redes varejistas e atacadistas que ofertam a população preços atrativos e uma série de comodidades (limpeza, segurança, conforto) que não se observam nas feiras. Essa conjuntura reflete no esvaziamento das feiras, o quadro 5 exemplifica os dados obtidos em campo, na feira livre de Guarabira. O quadro em questão, corresponde a questão trinta e dois do

⁴ Nas palavras de Santos (2009, p. 43), “as rugosidades não podem ser apenas encaradas como heranças físico-territoriais, mas também como heranças socioterritoriais ou sociográficas”.

questionário utilizado e ilustra as respostas obtidas quanto a percepção de vendedores/as em relação a sua clientela.

Quadro 5: Movimento da feira livre de Guarabira e Araçagi

GUARABIRA		ARAÇAGI	
AUMENTOU	8%	AUMENTOU	5%
DIMINUIU	67%	DIMINUIU	84%
NÃO HOUE MUDANÇAS	21%	NÃO HOUE MUDANÇAS	11%
NSR	4%	NSR	-

Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

Os dados expressos acima mostram que majoritariamente os/as vendedores/as sentem o esvaziamento da feira em razão da chegada de rede varejista. Além disso, a existência de outras redes de supermercados já instalados há alguns anos, também colaboram com esse esvaziamento. A manutenção de espaços comerciais tradicionais como mercados públicos e feiras livres, se dão pela intervenção do Estado mediante políticas públicas, traduzidas em reformas, revitalizações, implementação de novos usos (novas atividades), regulamentações etc. De modo geral, as feiras e mercados necessitam se tornar atrativos. Portanto, cabe aos agentes públicos pensarem e executarem medidas nesta direção.

O ato de comprar e vender faz parte do nosso dia a dia, ocorrendo de forma quase “automática” que faz parecer natural, assim, a importância de se refletir sobre a temática em questão é fundamentalmente importante. Toda vez que se compra, vende ou troca, ocorre toda uma cadeia de processos e relações; passa pelo/a produtor/a, vendedor/a, consumidor/a e descarte. Desse modo, o comércio constituído pelas feiras, mercados públicos e demais formas tradicionais estudadas pelo prisma da geografia não se prende ao simples ato de comercializar, mas, todas as relações acima elencadas, bem como as não listadas e que fazem parte do urbano, do cotidiano das cidades. Neste sentido, Pintaudi (2012, p. 169) destaca que os espaços comerciais que frequentamos são

geralmente analisados muito mais na perspectiva economicista, sem levar em conta os aspectos socioespaciais presentes, os resultados analíticos não revelam o que efetivamente deveria nos importar, ou seja, saber como a coletividade se reproduz no âmbito da troca de mercadorias

Ao estudar os mercados públicos de Barcelona, na Espanha, a mencionada autora apontou que eles mudaram, onde o que se vê seria apenas o invólucro do original. Para ela, com a entrada do grande capital no setor de primeira necessidade, isto é, setor alimentício, as formas comerciais tradicionais quase desaparecem, bem como para os que resistem “perdem

sua função reguladora e distribuidora para pequenos comerciantes”, (PINTAUDI, 2012, p. 174). No caso do recorte estudado pela autora supracitada, a mesma destaca que os mercados ganham novos usos, isso se dá através do turismo.

Quando voltamos nossos olhares para a realidade da qual estamos próximos, entendemos que precisamos avançar em variados aspectos para que não se perca no decorrer do tempo a cultura do comércio, materializada por meio de feiras livres e mercados públicos, onde ressalvamos, não somente a cultura vem se perdendo, mas, também, o rendimento dos/as comerciantes. Um dado preocupante colhido em campo trata da escolaridade de vendedores/as (quadro 6). Para que haja saltos qualitativos, é necessário investimento em educação pública e de qualidade, pois o contexto educacional brasileiro tem conjuntura estrutural.

Quadro 6: Escolaridade dos feirantes de Guarabira e Araçagi

GUARABIRA		ARAÇAGI	
SUPERIOR	11%	SUPERIOR	13%
TÉCNICO	4%	TÉCNICO	-
MÉDIO	29%	MÉDIO	28%
FUNDAMENTAL	39%	FUNDAMENTAL	42%
SEMIANALFABETO	5%	SEMIANALFABETO	2%
ANALFABETO	12%	ANALFABETO	15%

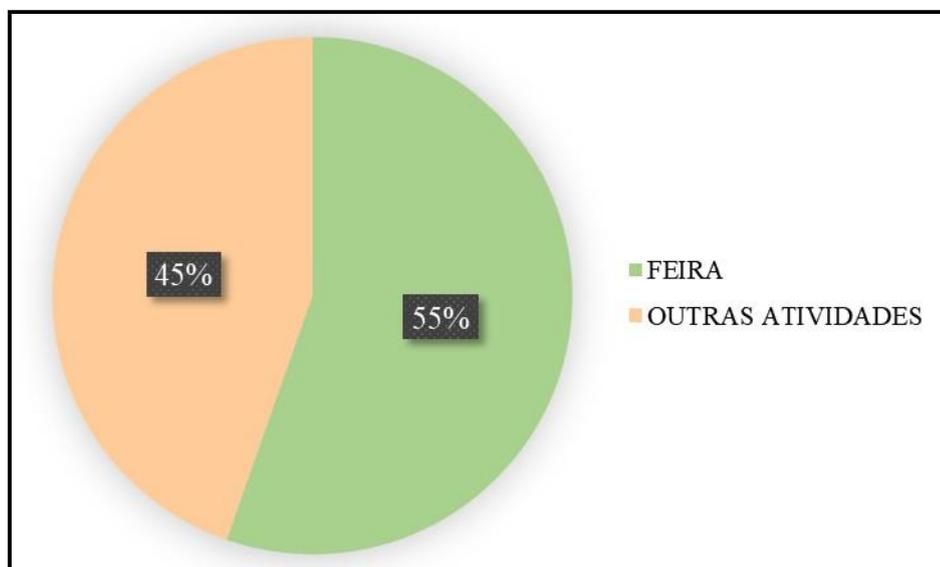
Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

Como se observa acima, não há grandes contrastes entre os comerciantes das duas cidades estudadas, mas notam-se similaridades, estamos nos referindo aos percentuais de analfabetismo e em maior quantidade, o nível fundamental de ensino. Os baixos níveis de escolaridade refletem na ocupação desses comerciários, ou seja, pelo baixo nível de formação, não conseguem inserir-se no mercado formal, ocupam-se em setores precarizados na cidade e no campo, o gráfico 8, expressa que os/as vendedores/as de Guarabira, empenham-se majoritariamente com a feira, no entanto, 45% deles desenvolvem outras atividades para complemento de renda, nos setores já mencionados.

O fato das taxas atentarem para atividades de complemento de renda, reflete, não apenas em Guarabira, mas, como já exposto, outrora, também, em Araçagi, que a comercialização em feiras e mercados já não garante o mesmo rendimento de décadas atrás. Os relatos colhidos em campo dão conta que há cerca de dez, quinze e vinte anos, o

faturamento semanal e mensal era maior, os preços de revenda eram atrativos e a quantidade de produtos e serviços ofertados também eram maiores.

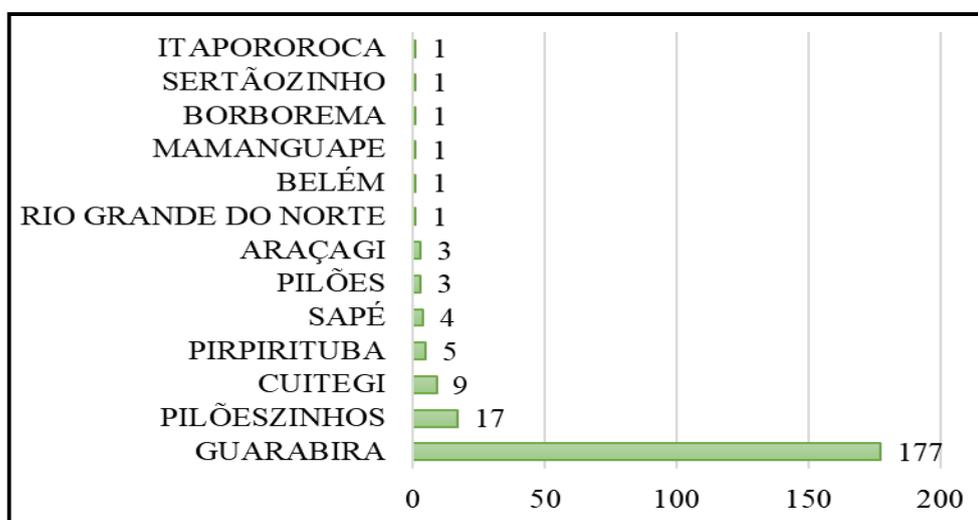
Gráfico 8: Ocupação dos feirantes de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, 2023.

Das pessoas que comercializam na feira e mercado público de Guarabira, advém da própria Guarabira e de doze municípios vizinhos, estampados no gráfico 9. Esses/as que se deslocam de outros municípios relatam uma série de dificuldades, dentre as quais as pessoas que moram em zona rural que em períodos chuvosos sofrem com os deslocamentos em estradas enlameadas e esburacadas.

Gráfico 9: Município dos feirantes de Guarabira



Fonte: Ramon Silva Souza, 2023.

A conjuntura descrita acima é uma realidade das pessoas que residem em zona rural, revelando o cenário de dificuldades que enfrentam. Discutimos, também, o papel das feiras e dos mercados públicos para a segurança alimentar. O BRASIL (2018), Mapeamento de Segurança Alimentar e Nutricional, realizado pelo Ministério da Cidadania, revela que a Região Nordeste do Brasil concentra a maior porcentagem de feiras e mercados, 33,4% e 31,8%, respectivamente. Assim, entendemos a importância que estes espaços desempenham para a segurança alimentar no Brasil, para que seja garantida a qualidade desses alimentos, as feiras livres e mercados públicos deve ser preservado.

O contexto em que as pesquisas foram realizadas se deu em período pós-pandemia ou, em outros termos, pós-distanciamento/isolamento social, causado pelo vírus Covid-19. Além dos aspectos discutidos, existe o agravamento das atividades comerciais pela ocorrência dessa catástrofe mundial. Grande parte da clientela que frequentava as feiras e mercados, mantia a tradição de consumir nas feiras; não o fizeram durante os anos de 2020 e 2021, pois, parte dessas pessoas perderem suas vidas; outros, ainda inseguros quanto a disseminação do vírus, optaram por designar filhos ou netos para fazerem as compras semanais; estes, por sua vez, privilegiam o consumo em supermercados, conforme nos afirmaram muitos feirantes.

O quadro 7, expõe dados muito parecidos entre Guarabira e Araçagi. Quando perguntado sobre os rendimentos dos/as feirantes nas duas cidades, os índices ficaram no patamar dos 70%, onde afirmaram a diminuição de sua renda. Relataram o contexto já descrito acima, bem como os momentos de *lockdown*, as disputas para as recentes redes de supermercados instaladas em Guarabira. Para alguns/as comerciantes que afirmaram ter aumentado seus rendimentos, relataram que o setor de frutas – sobretudo, as laranjas, pois, possuem vitamina C – aumentaram as vendas durante a pandemia, uma vez que havia entre as pessoas preocupação quanto a imunidade.

Quadro 7: Rendimentos dos feirantes de Araçagi e Guarabira.

GUARABIRA		ARAÇAGI	
AUMENTOU	6%	AUMENTOU	7%
DIMINUIU	72%	DIMINUIU	75%
NÃO HOUE MUDANÇAS	22%	NÃO HOUE MUDANÇAS	18%

Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

Um fato importante que foi notado durante as pesquisas trata-se de que naquele contexto de pós pandemia, parcelas dos/as feirantes e demais comerciantes dos mercados

públicos tiveram grande preocupação com a sua higiene e de seus produtos e responderam ter tido dificuldades com a adaptação ao uso das máscaras, higienização das mãos e distanciamento de seus/as clientes e colegas de trabalho. Apesar disso, durante os trabalhos de campo, foram constatadas práticas equivocadas quanto à prevenção do vírus. O fato, revela a necessidade de se buscar e implementar soluções relacionadas a manutenção da higiene no espaço das feiras.

Considerando as contribuições de Bauman,⁵ que trata dos movimentos da sociedade em torno do mundo do consumo e endividamento, bem como alinhados com as observações em campo, coleta de informações, questionários expostos acima, buscou-se compreender o endividamento da população das feiras. Assim, os dados revelam comportamento parecido nas duas espacialidades estudadas quando a aquisição e quitação das dívidas contraídas por empréstimos (quadro 8).

Quadro 8: Aquisição de empréstimos e quitação das dívidas em Guarabira e Araçagi.

AQUISIÇÃO DE EMPRÉSTIMOS				QUITAÇÃO DAS DÍVIDAS			
GUARABIRA		ARAÇAGI		GUARABIRA		ARAÇAGI	
FEZ	13%	FEZ	22%	QUITOU	41%	QUITOU	20%
NÃO FEZ	87%	NÃO FEZ	78%	NÃO QUITOU	59%	NÃO QUITOU	80%

Fonte: Ramon Silva Souza, 2022 e 2023.

A porcentagem de pessoas que adquiriram empréstimos nas duas cidades é razoavelmente pequena, contudo, desses/as que fizeram algum tipo de empréstimo, 59% em Guarabira e 80% em Araçagi, não conseguiram quitar suas dívidas, alinhando-se às considerações do sociólogo supracitado. Se voltarmos um pouco no tempo, vamos notar que nossos/as avós e bisavós tinham o costume de poupar centavo a centavo até que se completasse o valor do objeto almejado; o endividamento não se dava com grandes empresas multinacionais, mas, com donos/as de bodegas, onde costumava-se comprar e “pendurar no prego⁶”, sem as abusivas taxas bancárias.

Refletindo sobre esse costume descrito, observa-se que este padrão – compras em bodegas, feiras, mercados públicos – vem se perdendo com o passar dos anos, vai se “diluindo” junto ao aparecimento de redes mais modernas que ofertam comodidades, das

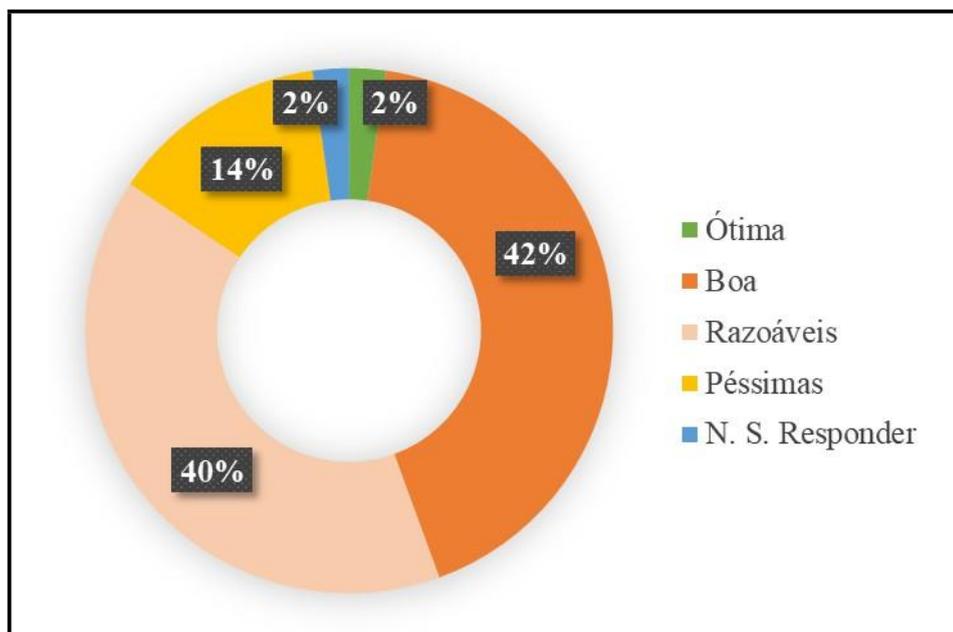
⁵ Bauman (2011, p. 29) chamou de “complexo de impaciência” o ato por ele descrito de se ter ao alcance das mãos os produtos e serviços desejados no momento que se quer, os cartões de crédito proporcionaram isso. O autor em questão, também lembra que “A sabedoria popular antiga e atemporal adverte-nos que não se deve contar com os ovos antes de serem postos” (Bauman, 2011, p. 29). No entanto, o citado autor, relata que a sociedade já conta com o prazer de dispor desses “ovos” (dinheiro) antes mesmo de tê-lo.

⁶ Termo usualmente utilizado por pessoas que compram fiado (à prazo) em estabelecimentos populares.

quais, os estabelecimentos tradicionais não dispõem a sua clientela, que é cada vez mais exigente e seleta. Diante disso, não se pode negar o contexto capitalista de produção, circulação e consumo de mercadorias, pois a sociedade atual exige demandas que há algumas décadas não se tinha, faz com que a adaptação seja um dos caminhos. Portanto, o Estado em suas três dimensões (federal, estadual e municipal) deveria reconhecer a importância de espaços tradicionais de comércio e consumo para a economia e seu desenvolvimento, bem como meio de sobrevivência e manutenção de costumes de parcelas da sociedade civil.

Alinhado a tudo isso, destacamos que a Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba ALPB, através do artigo 2º da lei 12.118 de 05 de novembro de 2021, declarou que as feiras livres são “patrimônio histórico- cultural imaterial do Estado da Paraíba, as feiras livres devem ser preservadas”. Contudo, as pesquisas realizadas apontam que muito pouco é realizado nesta direção. Em Guarabira, está em curso a realocação de feirantes para ruas da adjacência da feira, com o intuito da realização de nova obra de drenagem pluvial, a dúvida que fica no ar, reside quanto aos outros aspectos da feira estudada: as bancas ainda em madeira, os ornamentos em lona, e se a obra em questão resolverá o problema elencado. Já que estamos nos referindo à estrutura das feiras e suas realidades são análogas, segue o gráfico 10 e suas discussões.

Gráfico 10: Estrutura da feira de Araçagi



Fonte: Ramon Silva Souza, 2022.

Com algumas intervenções no espaço da feira livre de Araçagi, e com a promessa de reforma e revitalização, o cenário percebido pelos/as comerciantes locais revelam que 42% acham que a estrutura da feira em que trabalham é boa, outro número importante, foram os 40% que afirmaram ser razoáveis a estrutura da feira pesquisada. Desse modo, se observa que cada espaço possui suas particularidades, diferenciando-se uns dos outros. Cabe, então, refletir sobre os espaços comerciais e, estudando-os, entenderemos com maior profundidade o nascimento, desenvolvimento e “comportamento” das cidades.

4.1 Feira livre e mercado público: manifestações culturais, força econômica e declínio frente a modernidade.

Como já vimos, as feiras livres surgiram a partir das trocas dos excedentes gerados, remontando a Idade Média, com aglomerados humanos medievais na Europa em torno de pontos comerciais (LUCENA; GERMANO, 2016). De seu nascimento e desenvolvimento, foi possível identificar o seu papel fundante de aglomerados urbanos, isto é, o comércio contribuiu para o nascimento dessas cidades; o funcionamento do comércio popular, conferiu a muitas cidades a pujança econômica que possuem como foi verificado em Diniz (2015).

Quando pensamos nas feiras, muitas simbologias, costumes, produtos podem vir à mente, desde louças em argila e alumínio, alimentos diversos, como o pastel e caldo de cana, peixes, aves, carnes, frutas, hortaliças, legumes, tubérculos, remédios, roupas, acessórios e tantos outros produtos e serviços (figuras 12 e 13). Ao adentrar em espaços comerciais, somos instigados pelos sentidos, o olfato é o principal deles, o cheiro forte de repolho, abacaxi, manga, cachorro-quente, pastel, cominho, pimentas e tantos outros alimentos. As texturas, as cores, os sabores, os odores e sons tomam conta dos nossos sentidos.

Figura 12: Louças em argila no espaço do mercado público de Guarabira.



Fonte: Ramon Silva Souza, junho de 2023.

Figura 13: Vendedora de tubérculos (raízes) na feira livre de Araçagi.



Fonte: Ramon Silva Souza, agosto de 2022.

As feiras e mercados são misturas de tudo isso que acabamos de elencar, a depender da feira, se observam gritos, assovios, grande falatório, quase ensurdecedor. Não basta olhar apenas para a feira em seu dia de comercialização: em muitos casos, toda a preparação já começa no dia anterior, ou durante a madrugada enquanto a “cidade dorme”. Muitos agentes, de diversas idades, de variados lugares participam da fusão da cidade com a zona rural, isto é, as feiras. As feiras são espaços que não devem ser romantizados, pois dos mais diversos aspectos, muitos deles são desumanos, a exploração infantil, trabalho precário, furtos e roubos, pontos de venda de drogas e prostituição, ou seja, o espaço da feira, a depender do horário, pode-se transformar em territórios, conforme Souza (2008) exemplificou as muitas territorialidades de um espaço.

Queremos dar foco aos elementos ditos culturais da feira, e ir mais além, extrapolando a percepção, os simplismos e romantismos que se criam sobre os espaços de consumo. As feiras livres possuem grande importância em diversos aspectos, são repletas de representações e manifestações culturais, ficaram imortalizadas nas vozes de diversos artistas e compositores ao elencarem as suas particularidades. Segue, assim, recortes da letra da música Feira de Mangáio de Clara Nunes e Sivuca.

Fumo de rolo arreio de cangalha
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Bolo de milho broa e cocada
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pé de moleque, alecrim, canela
 Moleque sai daqui me deixa trabalhar
 E Zé saiu correndo pra feira de pássaros
 E foi pássaro voando pra todo lugar
 Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambu assado
 E olhar pra Maria do Joá
 Tinha uma vendinha no canto da rua
 Onde o mangaieiro ia se animar
 Tomar uma bicada com lambu assado
 E olhar pra Maria do Joá

Como se observa, o trecho acima enaltece alguns produtos da feira, bem como hábitos próprios de feirantes. São os produtos artesanais constituídos pelos bolos, broas, cocadas, pé de moleque, o alecrim e canela; se eleva também o comércio de animais, os costumes de beber nas bodegas e de paquerar. Lucena; Germano (2016) advertem-nos que de quase tudo se encontram nas feiras e isso ficou registrado no segundo trecho da música em questão,

Cabresto de cavalo e rabichola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar

Farinha, rapadura, e graviola
 Eu tenho pra vender, quem quer comprar
 Pavio de candeeiro, panela de barro
 Menino vou me embora tenho que voltar
 Xaxar o meu roçado que nem boi de carro
 Alpargata de arrasto não quer me levar
 Porque tem um sanfoneiro no canto da rua
 Fazendo floreio pra gente dançar
 Tem o Zefa de purcina fazendo renda
 E o ronco do fole sem parar
 Mas é que tem um sanfoneiro no canto da rua
 Fazendo floreio pra gente dançar
 Tem o Zefa de purcina fazendo renda
 E o ronco do fole sem parar

Como se pode conferir acima, não apenas produtos correlatos à alimentação, mas uma série de outros aspectos e hábitos foram incorporados à música. Em partes da obra se fala que a pessoa tem que ir embora “xaxar” o seu roçado, revelando a relação campo-cidade já explorada neste texto. Muitos elementos retratados na música já não são conferidos na realidade de muitas feiras, o sanfoneiro fazendo floreio não foi visto na feira de Araçagi, por exemplo. Em outras músicas, já se verifica esse declínio, da falta da grande oferta dos produtos típicos das feiras; no trecho da música composta por Adoniran Barbosa e Walter Santos, se verifica que “A feira da minha rua é bonita de verdade, algumas coisas eu compro, outras ficam na saudade”.

Igualmente na música Feira de Mangaio, a letra desta canção, retrata os inúmeros produtos da feira, bem como, os costumes. Uma forte marca das feiras é a chamada “xepa”, momento do dia em que os preços ficam mais baixos, pois, aproximando-se do término, os vendedores fazem cair os preços, fazendo valer a “pechincha”; tudo isso se verifica no trecho a seguir: “na feira livre tem diversos preços de manhã, no meio e no fim de acordo com a cara do freguês”.

Lucena; Germano (2016, p. 38) indicam que jamais seríamos capazes de “mensurar a profusão de tonalidades e odores e a polifonia de sons e ruídos presentes nesses lugares, aliada à variedade e ao movimento de afetos”. De acordo com os autores, isso acontece, pois as feiras são capazes de unir tradição e modernidade, assim, “resiste porque é da ordem da conjunção, da incorporação do que é novo sem abrir completamente mão do que é mais arcaico, aquilo que é colhido, cortado e esculpido à mão” (LUCENA; GERMANO, 2016, p. 38). As feiras são populares pelos costumes e acessíveis pelos preços, empregam grande quantidade de alimentos que podem ser conferidos na letra da música Feira, de Rita Rameh e Luiz Waack. Assim, vejamos:

Segunda-feira tem feira na esquina

Se apressa menina que vamos pra lá
 Na quarta-feira tem feira, senhora
 Olha, não demora, que vai acabar
 O que tem lá?
 Cenoura, chuchu
 Abobrinha, alface fresquinha
 Repolho, agrião
 Tomilho, alho e salsinha
 Ervas, cebolinha e manjeriço
 O que tem lá?
 Morango, ameixa e uva
 Laranja madura, abacate e melão
 Limão, kiwi, pera dura
 Banana nanica, maçã e mamão
 Então me traga uma melancia
 Dois abacaxis, três maços de almeirão
 E não se esqueça do peixe bem fresco
 Um quilo de batata e muito salsão

As feiras livres, através de sua diversidade, podem contribuir para a educação alimentar e educação ambiental, haja vista a infinidade de elementos que a compõe, dentre esses elementos, muitos discutidos a luz da ciência geográfica. Podem, ainda, ser investigadas por várias óticas: crítica, fenomenológica etc. As feiras dinamizam as cidades, ou seja, não permite que a população fique dependente única e exclusivamente dos supermercados; nas feiras e mercados públicos, não se trocam apenas mercadorias, mas, também, informações, experiências e práticas. O trecho da música A Feira, imortalizada na voz do grupo O Rappa, descreve outros costumes,

É dia de feira, quarta-feira, sexta-feira
 Não importa a feira
 É dia de feira, quem quiser pode chegar
 É dia de feira, quarta-feira, sexta-feira
 Não importa a feira
 É dia de feira, quem quiser pode chegar
 Vem maluco, vem madame
 Vem Maurício, vem atriz, pra comprar comigo
 Vem maluco, vem madame
 Vem Maurício, vem atriz, pra levar comigo
 Tô vendendo ervas que curam e acalmam
 Tô vendendo ervas que aliviam e temperam
 Tô vendendo ervas que curam e acalmam
 Tô vendendo ervas que aliviam e temperam
 Mas eu não sou autorizado
 E quando o rapa chega
 Eu quase sempre escapo
 Quem me fornece é que ganha mais
 A clientela é vasta, eu sei
 Porque os remédios normais
 Nem sempre amenizam a pressão
 Amenizam a pressão
 Amenizam a pressão

O trecho acima, além de sinalizar para os dias de feira, atenta, também, para o vasto público consumidor. Isso quer dizer, que independe de classe social, mas, atraídos pela vastidão, qualidade e costume nela depositados, não a deixam de frequentar. No trecho da música, se nota, também, a venda de ervas e seus usos medicinais; quem nunca observou as vendas de garrafadas medicinais nas feiras? Além disso, a música revela a informalidade do trabalho nas feiras, quando diz: “mas eu não sou autorizado”, bem como, trata dos baixos faturamento, pois “quem me fornece é quem ganha mais”, aspectos esses já discutidos no texto, mediante os gráficos e informações obtidos em campo.

O conjunto de obras artísticas mencionadas nesta parte do texto, extrapola o debate puramente teórico, mas, convida o/a leitor/a a entender os pequenos espaços comerciais por outros ângulos, por outras óticas, sem deixar de ser geográfico. O entendimento da questão trabalhada e discutida revela que muitos dos elementos constitutivos das feiras e demais espaços tradicionais, já não se encontram mais em algumas feiras. Alimentos, objetos e costumes têm sido substituídos por outros ditos modernos, alcançados em prateleiras de supermercados; no contexto capitalista, a cultura passa a se tornar também, mercadoria.

4.2 Feira livre, mercado público, sociedade de consumo e globalização

Bauman (1999, p. 67) assinala que a “globalização é a nova desordem mundial explica que a ausência de regulação, isto é, ter um caráter indeterminado, contribui para essa desordem que ele aponta. A globalização, de acordo com Santos (2013a, p. 45),

constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em “sistema-mundo” de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a terra torna-se um só e único “mundo” e assiste-se a uma refundição da “totalidade-Terra”.

Nestes termos, notamos que a individualidade/particularidade das coisas vem se perdendo neste processo. O mundo global é sustentáculo do capitalismo hegemônico que, materializado nos grandes conglomerados empresariais, torna pequenos comércios quase insignificantes diante da vastidão de grandes supermercados. Santos (2013a) discorre que o espaço tem de ser fluido para facilitar as movimentações, favorecendo os grupos já mencionados. Para Santos (2008c, p. 37)

a existência de uma massa de pessoas com salários muito baixos ou vivendo de atividades ocasionais, ao lado de uma minoria com renda muito elevadas, cria na sociedade urbana uma divisão entre aqueles que podem ter acesso de maneira permanente aos bens e serviços oferecidos e aqueles que, tendo as mesmas necessidades, não tem condições de satisfazê-las. Isso cria ao mesmo tempo diferenças quantitativas e qualitativas no consumo.

Esse quadro descrito permite dividir a sociedade em duas classes, dos que podem consumir e dos que mesmo tendo a necessidade não o fazem por questões financeiras. Contudo, por vivermos em uma sociedade de consumo, independente de qual classe pertencemos somos influenciados a consumir, e Bauman (1999, p. 89) questiona se “é necessário consumir para viver ou se o homem vive para consumir”. Essas são considerações pertinentes sobre o mundo contemporâneo e seus padrões. De acordo com Bauman (1999, p. 91), para que seja aumentada a capacidade de consumo,

os consumidores não devem ter descanso. Precisam ser mantidos acordados e em alerta sempre, continuamente expostos a novas tentações, num estado de excitação incessante – e também, com efeito, em estado de perpétua suspeita e pronta insatisfação. As iscas que os levam a desviar a atenção precisam confirmar a suspeita prometendo uma saída para a insatisfação.

Nós somos a sociedade que estamos passando pelo movimento de passagem de sermos meramente consumidor, para sermos consumistas, recordamos a sexta feira negra (*black friday*), onde as pessoas madrugam em busca de preços menores de produtos. A conjuntura permite que possamos adquirir e usufruir de coisas que nem precisamos, o complexo de insatisfação proposto pelo autor acima, elucida isso. O comportamento da moda, para Santos (2013b, p. 111), é “um desses artificios com o qual as coisas ficam as mesmas, embora aparentando uma transformação. A moda é manivela do consumo, pela criação de novos objetos que se impõem ao indivíduo”.

Assim, entendemos que se trata, também, de um padrão cuidadosamente posto a sociedade sobre os nichos de espaços que devem ser frequentados. Em um contexto em que as feiras e mercados não evoluíram paisagisticamente (figura 14 e figura 15) e, desprovidos de políticas públicas, faz com que os comerciantes “sintam o peso” das fortes demandas da sociedade e dos agentes que a influenciam.

Na figura 14 abaixo, nota-se no espaço do mercado do peixe amontoado de madeiras, ferragens, colchão, sacolas plásticas papelão e bancas de madeira, que podem contribuir para o abrigo de insetos e animais, além de não ofertar uma imagem atrativa aos consumidores/as. Já com a figura 15, é possível observar um momento de chuva na feira livre de Guarabira e a prevalência da problemática do escoamento das águas pluviais da cidade. Mesmo tendo sido para o dia e horário uma baixa pluviometria, já foi suficiente para a promoção de transtornos na dinâmica da feira. São problemas dessa ordem que, somados aos outros já apresentados no texto, colaboram com o esvaziamento da clientela das feiras e com a diminuição dos rendimentos dos vendedores.

Mumford (2008), aponta que a antiga ágora grega constituía-se amorfa e irregular. Ficou-nos explícito que a cidade atual não perdeu essas características pois, permanece no cenário das cidades investigadas essas formas irregulares, responsáveis por tantos transtornos. Se evidencia que a cidade, descrita por (MUMFORD, 2008) é por natureza marcada pelo comércio e como já discutido ao longo destes escritos, também para este autor, antes da sua função do comércio, se confere às cidades as trocas de opiniões e notícias. Essa irregularidade na morfologia urbana,

muitas vezes, os edifícios adjacentes são lançados ao redor numa ordem irregular, aqui um templo, ali uma estátua de um herói ou uma fonte; ou, talvez, numa fileira, um grupo de oficinas de artífices, abertas para o transeunte; enquanto, no meio, as barracas ou cobertas temporárias indicariam talvez o dia de feira, quando o camponês leva seu alho, suas verduras ou azeitonas para a cidade e comprava um pote ou mandava consertar seus sapatos pelo sapateiro (MUMFORD, 2008, p. 179).

Na descrição do autor citado, se observa diversas relações, entre elas, a já discutida interação campo-cidade, e o papel do comércio popular, marcado pela cultura. Mas, além desses elementos, chama-se atenção para os problemas urbanos – as irregularidades da morfologia urbana – que, sem o devido planejamento e incorporação de eficientes políticas públicas, promovem transtornos diversos, por esta razão, merecem atenção, dos pesquisadores, da sociedade civil e dos governantes.

Figura 14: Materiais dentro do mercado público de Araçagi, espaço de comercialização de pescados.



Fonte: Ramon Silva Souza, agosto de 2022.

Figura 14: Feira livre de Guarabira em momento de chuva.



Fonte: Ramon Silva Souza, julho de 2023.

Nas figuras, se observa essa carência quanto ao quesito da organização desses espaços comerciais. Localizadas no centro das cidades, inserem-se no contexto logístico, administrativo do urbano, dotadas de formas criadas no passado, onde possuem um “papel

ativo na elaboração do presente e do futuro” (SANTOS, 2013b, p. 68). Nesta perspectiva, o autor discute que

a morfologia do tecido urbano é o reflexo fiel de uma realidade econômica e social definida. Apenas o centro da cidade associa, e assim mesmo só em certa medida, os diferentes setores da economia e das classes sociais, na medida em que nele se concentram as atividades terciárias, serviços comerciais, administrativos, lugares de diversão (SANTOS, 2012, p. 220).

Guarabira e Araçagi se caracterizam por serem cidades de um país subdesenvolvido que, para Santos (2021a, p. 64) “vinculam-se principalmente ao desenvolvimento de atividades artesanais, comerciais e, por vezes, agrícolas”. Em termos de comércio, consideramos que “não se pode ‘ficar parado’ em areia movediça” como Bauman (1999, p. 86) apontou em seus escritos. O que se pode subtrair destas considerações é que para que haja a circulação e manutenção do consumo, é condição *sine qua non* que a sociedade se mantenha em movimento, pois não dá para ficar inerte nos tempos atuais, o tempo da vida é o tempo do dinheiro, do capitalista.

Para Bauman (1999), estamos todos em movimento, a sociedade não precisa se mover fisicamente para sair do lugar, mas, com alguns cliques ou alguns toques na tela, se viaja à velocidades que, descritas pelo autor, superam até mesmo a rapidez dos jatos supersônicos, este é o mundo da *Web*, das redes de TV e telefonia, onde o pequeno comércio quase não se insere, sobretudo, este objeto dos nossos estudos. Neste contexto de grandes transformações, consideramos a globalização tal como descreveu Santos (2021b, p. 10) que

de fato, para a grande maior parte da humanidade a globalização está se impondo como uma fábrica de perversidades. O desemprego crescente torna-se crônico. A pobreza aumenta e as classes médias perdem em qualidade de vida. O salário médio tende a baixar. A fome e o desabrigo se generalizam em todos os continentes. Novas enfermidades como a SIDA se instalam e velhas doenças, supostamente extirpadas, fazem seu retorno triunfal. A mortalidade infantil permanece, a despeito dos progressos médicos e da informação. A educação de qualidade é cada vez mais inacessível. Alastram-se e aprofundam-se males espirituais e morais, como os egoísmos, os cinismos, a corrupção.

No mundo real, a globalização apontada pelo autor como perversidade, contribui para o agravamento dos quadros elencados acima. No contexto das feiras e mercados, vemos a deterioração, o esquecimento e uma política de manutenção do *status quo* desses espaços. Tudo isso se alia à cultura do consumismo e a quase sempre falta de realização ao consumir, isso contribui para a manutenção da sociedade frágil e descartável que sente o seu desejo não foi satisfeito (BAUMAN, 2007).

Para Bauman (2008, p. 38-39), vivemos os movimentos denominados pelo autor de “revolução consumista”, trata-se da “passagem do consumo ao consumismo”, para o autor,

esses movimentos passaram a “sustentar a economia do convívio humano”. Assim, pensando no contexto em que trabalhamos, observamos que feiras e mercados não ofertam insumos para a manutenção da cultura do consumismo, diferente dos grandes mercados, que massivamente por meio da informação nos direciona para o consumismo. São disputas desiguais entre dois circuitos distintos e as pessoas nesse meio são os fatores da grande disputa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Integrando o contexto em que centenas de pessoas sujeitam-se como atividade econômica para geração de renda, a temática trabalhada se desenvolve em espaços, onde o pesquisador teve e tem afinidade para estudar e esmiuçar problemáticas e perspectivas sobre as feiras livres. Nesta perspectiva, espera-se ter alcançado os objetivos propostos no início deste texto. Os escritos buscaram estimular a promoção de políticas públicas eficazes para uma maior organização dos espaços, a fim de garantir funcionamento e melhores condições de comercialização nos espaços supracitados.

Para as pessoas que não possuem o costume de ir às feiras, mercados públicos e mercadinhos, segue o convite, especialmente para os geógrafos (formados e em formação, essencialmente estes últimos): visite a feira livre de sua cidade, perceba sua dinâmica através dos fluxos, procure entender os fixos, talvez consiga encontrar um instigante tema de pesquisa, a agenda de pesquisa da geografia, mesmo possuindo estudos voltados a esta temática, não apresenta o menor sinal de esgotamento.

As problemáticas discutidas neste texto não foram exclusivas apenas do consumo em feiras, mercados, supermercados, redes varejistas e *shoppings centers*, mas discutiu-se, relacionou-se e indagou-se quanto a aquisição espacializada. Mediante os aportes teórico-metodológicos introduzidos sobre a temática, tratou-se de questões que envolvem a produção e consumo no e do espaço, circuitos da economia urbana, a manutenção do *status quo* de feiras livres e mercados públicos, bem como os papéis e influências do capitalismo na conjuntura de mundo globalizado perante o funcionamento de mercados e, padrões adquiridos pela sociedade consumista.

O quadro urbano da Região Geográfica Imediata de Guarabira, sobretudo, de si mesma e sua vizinha limítrofe, Araçagi, apresenta-se problemático, contudo, convidativo. São municípios dotados de características importantes para o desenvolvimento e precisam, a partir da valorização do comércio e produção local, expandir-se comercialmente. O conjunto de rodovias que ligam as cidades lembram as viagens dos tropeiros da Borborema, estradas que direcionavam de leste a oeste, do litoral ao sertão, como faziam os tangerinos com suas tropas de gado, hoje os grupos hegemônicos se utilizam desse traçado de rodovias para transporte de suas cargas/mercadorias.

Com alguns estudos voltados à temática das feiras, identificamos que a produção voltada a esse prisma da geografia é baixa. Além disso, as feiras e mercados permitem ser investigadas por diversos ângulos, diversas delimitações espaço-temporais. Quando se volta o

olhar para a Região Nordeste e as pequenas cidades do interior do Estado da Paraíba, se nota a vacância científica voltada ao tema de estudo em questão. Esse quadro é preocupante, pois são espaços que colaboraram para o erguimento das cidades, ou seja, faz parte da história econômica e social dos municípios.

Quem quiser entender a cidade, seu surgimento, desenvolvimento, movimentos e constituições, dever-se-ia mergulhar na história das feiras. Recordamos, se vivemos para consumir ou se consumimos para viver. No contexto das feiras, acreditamos ser possível considerar as duas coisas, pois existe relação de interdependência, ou seja, para que as feiras existam, é necessário o consumo, e precisam que isto seja mantido, contudo, nessa conjuntura, há a soma dos movimentos do consumismo que ameaçam a pujança historicamente construída pelas feiras e mercados.

O contexto por nós discutido enaltece a relevância desses espaços, atenta para suas fragilidades que demanda atenção e cuidado do setor público, bem como, contribui para a criação de consciência quanto ao consumo e consumismo enraizados na sociedade contemporânea. Discutiui-se, também, os resíduos gerados pelas feiras, o trabalho precário, as condições de higiene degradantes. Consideramos ainda, suas culturalidades (presentes inclusive em letras de músicas), seus agentes transformadores e seu papel junto a segurança alimentar.

O entendimento da cidade, sobretudo, as cidades pequenas, através do comércio e este materializado nas feiras e mercados, nos dão a possibilidade de melhor compreender o urbano, de lançar problematizações e questionamentos quanto ao seu funcionamento e dinâmica, ajuda inclusive a explicar as constituições do presente, através de suas rugosidades.

Esperamos que estes aportes possam inspirar também outros pesquisadores, e que novas contribuições sejam lançadas. Desejamos ainda, que os governos em suas instâncias, possam tomar conhecimento dessas bases e se utilizar para o planejamento urbano, criação e atualização de seus planos diretores. Além de tudo isso, pensar e executar políticas públicas eficazes para os espaços comerciais estudados.

A cidade e o urbano constituem-se em um laboratório de pesquisa à céu aberto, instiga, convida, desperta a curiosidade para a sua variedade e quantidade de elementos, agentes, sujeitos e movimentos. O espaço urbano também convida por suas cores, sabores, odores, ruídos, texturas, não se trata apenas da percepção através dos sentidos, mas o que cada um deles representam no espaço estudado.

Ademais, desejamos profundamente grande prosperidade para todos e todas os/as respondentes da nossa pesquisa e que um dia possam alcançar o espaço de trabalho dotado

dos elementos que elencaram nas respostas, com boa drenagem, com boa higiene, boa estrutura e além disso, a volta da clientela de que tanto sentem a falta.

Além disso, esse mesmo público, constituído por feirantes e consumidores/as, necessitam da criação de um senso de educação ambiental, onde ressignifiquem suas práticas enquanto cidadãos tutelados pelo estado brasileiro, de modo que possam, em hipótese alguma, jogar resíduos no chão, sejam as feiras ou qualquer outro espaço, esses resíduos sejam orgânicos ou não.

Dentro deste pacote de ações, pode-se pensar numa reforma completa, com a eficiente drenagem das águas pluviais, instalação de tetos e painéis fotovoltaicos em cima deles. Além disso, promoção de treinamentos e cursos de aperfeiçoamento para os vendedores, instalação de novos aparelhos de refrigeração, criação de uma comissão de fiscalização dos equipamentos utilizados, entre eles, as balanças (eletrônicas e analógicas), separação por setores de mercadorias comercializadas, construção de bancas que possam ser higienizadas, implementar coleta seletiva, incentivar a compostagem dos resíduos orgânicos e correto descarte dos resíduos sólidos, são algumas das melhorias que poderiam vir a ser implementadas em Araçagi e Guarabira, respeitadas suas particularidades.

Considerando tudo o que foi exposto neste trabalho, chegamos às conclusões de que a intervenção governamental nestes espaços é de fundamental importância para que os mesmos se mantenham “vivos” nas nossas cidades, haja vista a sua importância histórica no estado da Paraíba para o crescimento das atividades econômicas. O pequeno mercado representado pelas feiras livres tem sido marcado por metamorfoses intensas que, ao longo das últimas décadas, teve suas estruturas desestabilizadas.

REFERÊNCIAS

- AZEREDO, R. M. de; ALVES, C. A. B. Feira livre de Guarabira e o trabalho informal dos carroceiros: um breve estudo. In: MARIANO NETO, B.; ARRUDA, L. V. de (Org.). **Geografia e território: planejamento urbano, rural e ambiental**. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 141-152.
- BAUMAN, Z. **Capitalismo parasitário**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2010.
- BAUMAN, Z. **Globalização: as consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1999.
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- BAUMAN, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.
- BAUMAN, Z. **44 cartas ao mundo líquido moderno**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2011.
- BERNARDINO, S. da S. **A feira livre de Nova Cruz-RN: aspectos culturais e econômicos**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Exatas e da Natureza, João Pessoa, 2015.
- BENEVOLO, L. **História da cidade**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- BRASIL, Ministério da cidadania. **MAPASAN 2018: Mapeamento de segurança alimentar e nutricional**. Brasília-DF: Secretaria de avaliação e gestão da informação; Secretaria nacional de inclusão social e produtiva rural, 2018, p. 107.
- CARLOS, A. F. A. **A cidade**. 8. ed. São Paulo: Contexto, 2007a.
- CARLOS, A. F. A. **O espaço urbano: novos escritos sobre a cidade**. São Paulo: FFLCH, 2007b.
- CORRÊA, R. L. Espaço: um conceito-chave da Geografia. IN: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 15-48.
- DAMIANI, A. L. O dinheiro e a vida cotidiana: as formas de representação. In: BARROS, A. M. L.; ZANOTELLI, C. L.; ALBANI, V. (Org.). **Geografia urbana: cidades, revoluções e injustiças entre espaços privados, públicos, direito à cidade e comuns urbanos**. Rio de Janeiro: Consequência, 2020, p. 91-110.
- DINIZ, L. da S. **As bodegas da cidade de Campina Grande: objetos de permanência e transformação do pequeno comércio no bairro de José Pinheiro**. Dissertação de Mestrado em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco – CFCH, Recife-PE, 2004.

DINIZ, L. da S. Campina Grande: comércio, cidade e região. In: SILVA, A. B. da; GUTIERRES, H. E. P.; GALVÃO, J. de C. (Org.). **Paraíba: pluralidade e representações geográficas**. Campina Grande: EDUFCEG, 2015. p. 87- 98.

DINIZ, L. da S. **O pequeno comércio em contexto de violência na cidade de Campina Grande-PB**. Tese de Doutorado em Geografia, Universidade Federal de Pernambuco – CFCH, Recife-PE, 2012.

GRANGEIRO, W. da S. **Aspectos geoeconômicos de Guarabira-PB enquanto cidade Polo**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira-PB, 2019.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Brasil em síntese**. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/distribuicao-da-populacao-por-situacao-de-do-micilio.html>>. Acesso em 05 jul. 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/aracagi/panorama>>. Acesso em: 03 jun. de 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Cidades**. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/guarabira/panorama>>. Acesso em: 03 jun. de 2023.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Malhas territoriais**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/geociencias/organizacao-do-territorio/malhas-territoriais/15774-malhas.html>>. Acesso em: 01 de set. de 2023.

IBGE, Instituto brasileiro de geografia e estatística. **Regiões geográficas do estado da Paraíba**. Ministério do planejamento, desenvolvimento e gestão, 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Regiões de influência das cidades**: 2018. Rio de Janeiro: Coordenação de Geografia, 2020. 192 p.

LE GOFF, J. **Por amor às cidades**: conversações com Jean Lebrun. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

LESSA, S.; TONET, I. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

LUCENA, T. I. N de; GERMANO, J. W. **Feiras livres**: cidades de um só dia, aprendizados para uma vida inteira. Natal: EDUFRN, 2016.

MACENA, J. M. de M. **Anteprojeto para o mercado público de Guarabira-PB**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) – Centro Universitário de João Pessoa - UNIPÊ, João Pessoa, PB, 2020.

MARCOS, V. de. Campesinato, modo de vida e território. In: CARLOS, A. F. A.; CRUZ, R. de C. A. da (Org.). **A necessidade da geografia**. São Paulo: Contexto, 2019. p. 93-106.

MARICATO, E. Conhecer para resolver a cidade ilegal. In: CASTRIOTA, L. B. (Org.). **Urbanização brasileira**: redescobertas. Belo Horizonte: C/Arte, 2003, p. 78-96.

MENEZES, M. F. de.; FREITAS, N. M. V.; PEDROSA, F. J. de A. As feiras livres da Região Nordeste do Brasil: uma análise acerca da higiene e conservação do ambiente físico. In: TEIXEIRA, S. F. (Org.). **Sociedade e sustentabilidade**. México: Universidad Autónoma del Estado de México, 2022, p. 67-81.

MOREIRA, R. **Geografia e práxis**: a presença do espaço na teoria e na prática geográficas. São Paulo: Contexto, 2012.

MUMFORD, L. **A cidade na história**: suas origens, transformações e perspectivas. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

PARAÍBA. **Lei nº 12.118 de 05 de novembro de 2021**. Declara as feiras livres como Patrimônio Histórico-Cultural Imaterial do Estado da Paraíba. Paraíba: Assembleia Legislativa do estado da Paraíba - ALPB [2021] Disponível em: <<https://auniao.pb.gov.br/servicos/arquivo-digital/doi/2021/novembro/diario-oficial-06-11-2021.pdf>> Acesso em: 22 out. 2023.

PINTAUDI, S. M. A cidade e as formas de comércio. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **Novos caminhos da geografia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007, p. 143-159.

PINTAUDI, S. M. Mercados públicos: vestígios de um lugar. In: CARLOS, A. F. A.; SOUZA, M. L. de S.; SPOSITO, M. E. B. (Org.). **A produção do espaço urbano**: agentes e processos, escalas e desafios. São Paulo: Contexto, 2012, p. 167-176.

PINTAUDI, S. M.; SILVA, C. H. C. da; GODOY, T. M. P. de. Mutações das formas comerciais varejistas no espaço urbano. **Anais ENANPUR**, v. 16, n. 1, 2015, p. 1-6.

PINTAUDI, S. M. Os mercados públicos: metamorfoses de um espaço na história urbana. **Revista Cidades**, v. 3, n. 5, 2006, p. 81-100.

ROCHA JÚNIOR, A. **Enfoques geográficos sobre a feira livre de Guarabira/PB**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura plena em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2014.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008a.

SANTOS, M. **A urbanização desigual**: a especificidade do fenômeno urbano em países subdesenvolvidos. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2021a.

SANTOS, M. **Manual de Geografia urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. 6. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008b.

SANTOS, M. **O espaço dividido**: os dois circuitos da economia urbana dos países subdesenvolvidos. 2. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008c.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Porto Alegre: Fundação Ulisses Guimarães, 2013a.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 31. ed. Rio de Janeiro: Record, 2021b.

SANTOS, M. **Técnica, Espaço, Tempo**: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional. 5. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2013b.

SILVA, M. F. da; TAVARES, M. de A. Análise das alterações ocorridas na feira livre de Pirpirituba-PB, nos últimos 20 anos. In: MARIANO NETO, B.; ARRUDA, L. V. de (Org.). **Geografia e território**: planejamento urbano, rural e ambiental. João Pessoa: Ideia, 2010, p. 165-176.

SILVA, A. F. da. **“Nem revolução, nem verde”**: agronegócio e insegurança alimentar na América Latina. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) – Faculdade de Direito e Relações Internacionais, Universidade Federal da Grande Dourados, Dourados, MS, 2018.

SILVEIRA, M. L. Da pobreza estrutural à resistência: pensando os circuitos da economia urbana. **Ciência geográfica**, v. 17, n. 1, 2013, p. 63-70.

SILVA, L. dos S. **Um shopping center na paisagem urbana de Guarabira/PB: impactos nos hábitos de consumo, de lazer e sociabilidade**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Guarabira, 2019.

SOUZA, D. H. B. de; DANTAS, J. C.; MATIAS, T. B. de O.; MOREIRA, E. Feira livre e cultura popular: espaço de resistência ou de subalternidade? In: **Anais do VII Congresso Brasileiro de Geógrafos-AGB**, 2014. p. 12.

SOUZA, E. F. **A história de Cuitegi**: vila, distrito e cidade. Rio de Janeiro: Gráfica e Editora Moderna, 2018.

SOUZA, M, J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia**: conceitos e temas. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008, p. 77-116.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 2008.

APÊNDICE

**APÊNDICE – QUESTIONÁRIO UTILIZADO NOS TRABALHOS DE CAMPO EM
ARAÇAGI E GUARABIRA**



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – GUARABIRA/PB
CENTRO DE HUMANIDADES – CH
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA – DG
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

**AS ESPACIALIDADES DAS FEIRAS, COMÉRCIOS POPULARES E CONSUMOS
 NA CIDADE E NO URBANO: continuando abordagens nas cidades pequenas na região
 geográfica imediata de Guarabira/PB**

Ramon Silva Souza

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC

1. Nome: Sexo: M () F ()
2. Idade:.....anos. Município/UF:.....
3. Qual a sua formação:..... Possui filhos/as?..... Se sim, quantos/as?.....
4. Mora na cidade onde trabalha? Sim () Não ()
5. Se a resposta para a questão anterior for não, quantos quilômetros precisa se deslocar para chegar até a cidade onde trabalha?Km
6. Sobrevive apenas com a atividade da feira? Sim () Não ()
7. Se a resposta para a questão anterior for não, quais outras atividades desenvolve para complemento de renda?
8. Com que idade começou a trabalhar nas feiras?
9. Saberia dizer como e quando foi fundada a feira desta cidade?.....
10. Quantos dias por semana se dedica a esta atividade?.....
11. Você mesmo produz o que vende ou compra para a revenda?.....
12. Que tipo de mercadoria/serviço oferta?.....

13. Usa publicidade/propaganda para conseguir vender seus produtos? Sim () Não ()
14. Se sim, sente seus efeitos? Sim () Não ()
15. O que acha da estrutura da feira livre da cidade?
16. Se pudesse mudar alguma coisa, o que você mudaria na estrutura da feira-livre? Por quê?
16. O que acha das condições de higiene da feira?
- a) Ótimas () b) Boas () c) Razoáveis () d) Ruins () e) Péssimas ()
17. O que acha que deveria melhorar na higiene da feira?.....
18. O governo municipal fornece algum tipo de apoio ou incentivo (dinheiro) aos feirantes?
19. Paga alguma taxa para poder comercializar aqui? Se sim, quanto?
20. Com a chegada da pandemia, quais desafios encontrou para continuar trabalhando na feira?.....
21. Houve mudança nos rendimentos?
- Sim, aumentaram () Não, diminuíram () Não houve mudança ()
22. Precisou de empréstimos dos bancos? Sim () Não ()
23. Se afirmativo, conseguiu quitar suas dívidas?.....
26. O poder público faz algo para melhorar as condições da feira livre?.....
27. Se negativo, na sua opinião, o que o poder público deveria ou poderia fazer para melhorar as condições da feira livre?.....
28. Que mudanças você viu na feira nos últimos 15 anos?.....
29. Acha que precisaria de auxílios do poder público para manter as atividades comerciais?.....
30. Se afirmativo, que tipo de auxílios?.....
31. Acha que o público da feira tem migrado para outros espaços de comércio? (Ex.: supermercados, hipermercados e atacadões)
32. O que acha do movimento (freguesia) da feira onde trabalha nos últimos 15 anos?
- Diminuiu () Aumentou () Não houve mudanças ()